

VALOR

ECONÓMICO

7 Novembro 2016
Segunda-Feira
Semanário - Ano 1
Nº 34 / kz 400
Director-Geral
Evaristo Mulaza



CEO DA SAHAM JUSTIFICA PREVISÃO COM ALTA DOS CUSTOS

Preços dos seguros podem subir

Os altos custos de estrutura e as dificuldades de pagamento de compromissos com o resseguro, reparação e manutenção de sinistros são os dois factores que Paulo Bracons destaca entre as razões que antecipam o aumento dos preços dos seguros. O CEO da segunda maior seguradora em activos revela “prudência” na realização de investimentos, mas admite abrir duas novas agências até ao fim do ano. Págs. 4 a 6

TESTES INICIAM NO KILAMBA E SEQUELE

Taxa de lixo arranca no final do mês

COBRANÇA. Depois de toda a controvérsia sobre os valores e sobre a entidade que assumiria o processo de cobranças, um programa traçado pelo Governo de Luanda determina que a taxa de lixo seja cobrada a partir do final de Novembro, com os testes a arrancarem nas centralidades do Kilamba e Sequele. Conforme apurou o VALOR, a Empresa Nacional de Distribuição de Electricidade (ENDE) fica responsabilizada por efectuar as cobranças, estando a finalizar o processo de inserção de dados no seu sistema automático.

Pág. 8



Minérios podem render três mil milhões USD/ano

Com a exploração de mais de 14 projectos de rochas ornamentais e outros nove de outros minérios como ouro e ferro, o Ministério da Geologia e Minas espera “alterar a base económica do país”. Pág. 12



FALHAS NOS MULTICAIXAS

EMIS responsabiliza bancos

A Empresa Interbancária de Serviços (Emis) declinou qualquer responsabilidade nas falhas frequentes registadas na utilização dos multicaixas. Um alto gestor da empresa esclareceu que apenas os bancos devem explicações aos utentes desses meios de pagamento automático, uma vez que a Emis intervém exclusivamente na qualidade de intermediária. Pág. 16

Moedas AKZ USD 166,7 Kz (+0) ▲ Euro 183,8 Kz (+2,3) ▲ LIBRA 204,3 Kz (+0,7) ▲ YUAN 24,5 Kz (+0) ▲ RAND 12,2 Kz (+0,2) ▲



DIGITOS & NÚMEROS

Contabilidade & Consultoria Fiscal

Tel: +244 945 766 958 e-mail: digitos.numeros@gmail.com

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



INVESTIMENTO DIRECTO ESTRANGEIRO



Os dados divulgados, na última semana, pelo 'Financial Times', sobre o Investimento Directo Estrangeiro (IDE), em Angola, no ano passado, voltam a expressar a velha preocupação sobre o domínio absoluto do sector petrolífero na captação desses recursos. Como indicam os números do relatório compilado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, na sigla em inglês), dos 2,7 mil milhões de dólares captados em 2015, a petrolífera francesa Total reclamou 2,2 mil milhões, qualquer coisa a roçar os 82% do total do investimento.

A explicação para essa fuga de recursos, face ao passado recente, é, indiscutivelmente, a conjuntura económica de preços baixos do petróleo que reduziu significativamente o potencial de crescimento do mercado interno. Basta um recuo aos números de até há dois anos para se perceber isso com clareza. Em 2014, segundo contas divulgadas o ano passado pelo mesmo jornal britânico, o país beneficiou de cerca de 16 mil milhões de dólares de Investimento Directo Estrangeiro bruto, colocando-se imediatamente atrás do Egipto. Apenas um ano depois, os cálculos consolidados

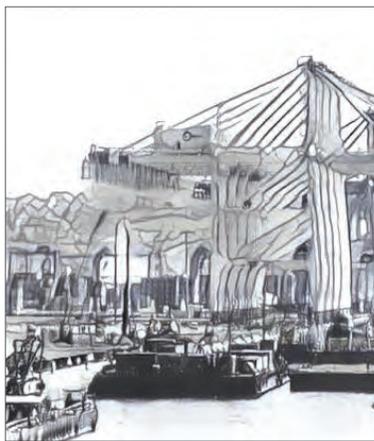
pela UNCTAD remetem Angola para a sétima posição, sendo ultrapassada inclusivamente por países como Moçambique e Costa do Marfim e colocando-se muito próximo do Quênia e do Senegal.

Os dados permitem ainda outras leituras preocupantes. Além da concentração do IDE nos petróleos, sector com um contributo residual na criação de emprego, como é de senso comum, a aplicação de capital estrangeiro duradouro na economia é reduzida a um número restrito de investidores, como se depreende da posição absolutamente avassaladora da petrolífera francesa.

Numa altura em que se insiste no discurso da diversificação da estrutura económica, as contas do IDE deixam mensagens verdadeiramente inquietantes. Vários estudos já reconfirmaram que, além da estabilidade política e social, o potencial de crescimento de

uma economia é determinante para a decisão dos investidores. Ora, as notícias a este nível estão longe de ser animadoras. O Fundo Monetário Internacional, mais pessimista que o Governo, antevê que o produto interno bruto (PIB) recue para o 0%, em 2016. Para o próximo ano, espera-se por novas projecções do Fundo, mas o próprio Governo não admitiu mais do que 2,1%, no Orçamento Geral do Estado ainda à espera da aprovação dos deputados. Para uma economia com a dimensão do PIB angolano, crescimentos a este nível são excessivamente baixos para serem estimulantes. Não é por acaso que, entre as preocupações levantadas desta vez pela equipa do FMI que está por Luanda, a necessidade de expansão da economia foi destacada de forma absoluta. Assim como o foi a desejável desaceleração do nível geral de preços.

Postas quase de parte as perspectivas de crescimento da economia entre os factores de atracção de investimento, pelo modéstia dos números, ao Governo sobra uma única alternativa para continuar a manter, no curto prazo, alguma apetência do investidor estrangeiro em aplicar, no país, recursos que impactam de forma duradoura: convencer que está interessado de forma decisiva a transformar Angola num país bom para fazer negócios.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: António Nogueira

Editor gráfico: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Edno Pimentel, Isabel Dinis, José Zangui, Mateus da Graça Filho, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuesseca

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embalo

Colaboradores: Cândido Mendes

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 N° de Registo do MCS: 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistenete Administração: Mariquinha Rego

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão, Nelson Manuel

e Valdimir de Almeida

Departamento comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes
comercial@gem.co.ao,

Tel.: +244941784790-(1)-(2)

N° de Contribuinte: 5401180721;

N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, n° 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510, 222 320511 Fax: 222 320514

email: administracao@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



Emílio Londa

Dir. Relac. Internac. MINFIN

O Governo projecta um crescimento do PIB, em 2017, na ordem dos 2,1%, acima dos 1,1% do previsto em 2016. Que interpretação se pode fazer deste quadro?

O nosso crescimento económico abrandou nos últimos anos, mas, felizmente, situa-se numa margem positiva. Contudo, o que será feito é a aceleração dos processos de industrialização e os de arrecadação de receitas fiscais, visto que a despesa pública acaba por ser uma alavanca para o crescimento económico.

A taxa de inflação, embora se preveja uma redução, vai continuar nos dois dígitos em 2017...

As metas não serão fáceis de atingir, mas serão as que vão conduzir as balizas de toda a política económica, com vista a uma menor aceleração dos níveis dos preços.

Que tratamento terá a problemática da dívida pública, no encontro entre o Governo e a equipa do FMI que está em Luanda?

O Governo está permanentemente a monitorar o desempenho do seu endividamento, e o FMI aparece como uma peça adicional daquilo que pode ser a nossa estratégia de endividamento para os próximos anos.

TERÇA-FEIRA

Começou a vigorar a nova Unidade Tarifária de Telecomunicações (UTT), que passou a custar, desde então, 10 kwanzas, contra os anteriores 7,2 kwanzas. O aumento de preço foi aprovado a 22 de Setembro numa reunião conjunta das comissões Económica e para a Economia Real do Conselho de Ministros.

QUARTA-FEIRA

O responsável do programa agrícola da ONG 'People In Need', Jonathan Domarle, anunciou a entrega, até 2018, de 350 cabeças de gado bovino destinadas à reprodução da raça e ao fomento da agricultura na região, a camponeses de nove municípios do Bié. A iniciativa foi financiada pelo Fundo Soberano de Angola.

QUINTA-FEIRA

O Comando da Polícia no Zaire anunciou a apreensão de 7.550 litros de combustível por presumível contrabando, durante a semana anterior. A operação ocorreu na fronteira do Luvo, em Mbanza Congo. O produto, segundo a Polícia, tinha como destino a RDC.



SEXTA-FEIRA

Foi realizado um debate sobre 'Mecanismos de Acesso ao Financiamento Internacional', organizado pela Câmara de Comércio EUA/Angola, com oradores como os representantes do Banco Mundial, Clara de Sousa, e do Banco Africano de Desenvolvimento, Martin Septime.



SÁBADO

O vice-governador para a esfera económica do Namibe, Alcides Gomes Cabral, procedeu à abertura da campanha agrícola 2016/2017, no centro prisional do Bentiaba que, segundo o governante, tem contribuído para a dieta alimentar dos reclusos e dos cidadãos do Namibe.



DOMINGO

O responsável do Instituto de Desenvolvimento Florestal, no Moxico, Isaac Victor, apelou aos exploradores de floresta a criarem uma associação de produtores de carvão, reconhecida pelos órgãos do Estado, para definir e gerir a actividade, mantendo o equilíbrio ambiental.

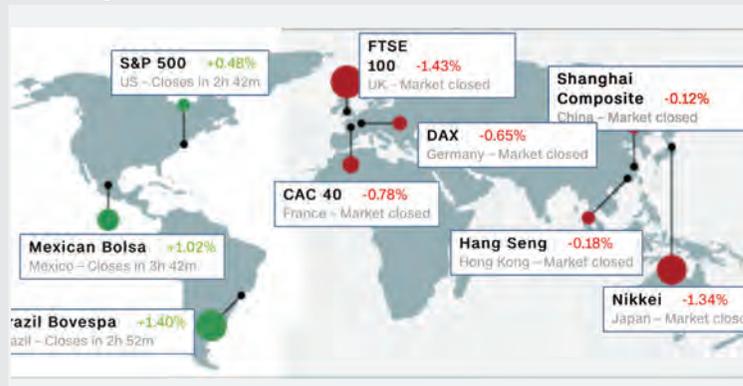


31

SEGUNDA-FEIRA

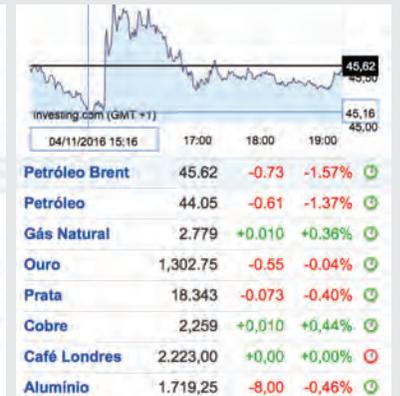
A embaixada de Angola na China anunciou, em comunicado, que as trocas comerciais entre Angola e a China caíram 28,34%, para 10,19 mil milhões de dólares até Agosto de 2016. O país asiático exportou para Angola produtos avaliados em 10,60 mil milhões de dólares (-60,27%), face aos primeiros oito meses de 2015.

COTAÇÕES



ELEIÇÕES AMERICANAS ABALAM MERCADOS

A sessão de sexta-feira fechou com as bolsas americanas no verde, e pôs fim a oito dias consecutivos de perdas devido aos continuados receios dos investidores quanto às eleições que se avizinham para a presidência dos EUA. Também os mercados asiáticos se ressentiram. O japonês sofreu maiores perdas (-1,34%) devido à dependência da sua indústria automóvel do mercado americano. Os europeus fecharam no vermelho ameaçados por regulações mais apertadas dos EUA às grandes farmacêuticas.



PSI20 E PETRÓLEO ACOMPANHAM...

O índice português, com -1,36%, acompanhou o sentimento negativo das bolsas mundiais, em particular na Europa, devido à proximidade das sondagens entre os dois candidatos americanos cujas políticas vão influenciar fortemente os fluxos comerciais a nível mundial. Também afectado pelas eleições, pelo aumento dos 'stocks' e dos receios de que um acordo de corte na OPEP seja miragem, esteve o petróleo, que caiu para os níveis mais baixos desde Janeiro. O barril de Brent chegou na fasquia dos 45 USD.

Grande Entrevista



Manuel Tomás © AE

ENTREVISTA A PAULO BRACONS, CEO DA SAHAM ANGOLA SEGUROS

“É expectável que haja aumento de preços dos seguros devido aos custos”

CEO da segunda maior seguradora angolana, em quota de mercado, antevê, para breve, reajustes nos preços cobrados para subscrições de seguros devido aos altos custos de estruturas e pela dificuldade de pagamentos de compromissos com o resseguro, reparação e manutenção de sinistros. A partir dos indicadores da Saham Angola Seguros, Paulo Bracons estima crescimento negativo para todo o mercado segurador em 2016.

Por Nelson Rodrigues

Saham Angola Seguros é um nome novo no mercado segurador nacional, mas surge da antiga GA Seguros. Que impacto está a ter a mudança de marca nos negócios da empresa?

Os primeiros meses de mudança da marca, globalmente, estão a correr

bem. De vez em quando, surge um cliente que se dirige a um espaço nosso e diz: “Queria falar com a minha seguradora, a GA”. E, obviamente, esclarecemos que está na GA, porque somos a Saham e a Saham é a GA. É o tempo que se vai encarregar de clarificar todas estas situações e as dúvidas que possam existir. Nos grandes clientes institucionais, está devidamente clarificada. Fizemos uma comunicação muito direccionada. Nos clientes a nível do retalho automóvel, é um trabalho que, gradualmente, e com o tempo, as pessoas vão aprendendo. Não antevejo dificuldades maiores.

Se me perguntassem se gostaria de fazer mais campanha de comunicação, é óbvio que gostaria, mas os recursos nas empresas e nas organizações são limitados e temos de os gerir em função dos momentos em que estamos.

De que forma a Saham tem gerido os negócios, numa altura em que todos os produtos registaram alteração dos preços?

Estamos a gerir com muito cuidado. O sector segurador tem algumas áreas que requerem mais atenção: tem uma área, desde logo, a nível de toda a estrutura de cus-

“A falta de divisas está ter impacto nos pagamentos dos resseguros. Por força da excessiva dolarização da economia, isso tem um impacto na estrutura de custos das empresas, até para as coisas mais simples.”

tos da empresa, que temos vindo a trabalhar no sentido de desligar ao máximo possível toda a estrutura de custos do dólar e dos efeitos da chamada dolarização. Este é um trabalho que temos vindo a fazer. Por outro lado, há situações a nível da inflação e da desvalorização cambial, sendo certo que, por um lado, o câmbio tem estado estável, mas houve um grande impacto no início do ano. Todos esses impactos cambiais se traduziram em perdas cambiais e em resultados a esse nível penalizante para o sector segurador.

Que negócios estão a ser mais afectados pela falta de cambiais?

É sabido que, por força das dificuldades cambiais, todo o sector tem dificuldade em pagar o resseguro, porque não há divisas disponíveis, particularmente o dólar, que não está disponível no mercado, para solver os nossos compromissos, ao nível dos pagamentos.

Isto exige depois um cuidado maior do ponto de vista da subscrição do risco. Ou seja, vamos ter muito mais cuidado na subscrição do risco, da forma como taxamos e clarificamos o risco à entrada.

O resseguro é a única área afectada pela escassez de divisas?

A falta de divisas está a ter impacto nos pagamentos dos resseguros, por um lado. Por outro, e por força da excessiva dolarização da economia, isso tem um impacto na estrutura de custos das empresas, até para as coisas mais simples, desde a reparação de um sinistro numa oficina à prestação dos cuidados de saúde a um cliente, quer seja pelo seguro saúde, quer seja pelo seguro de acidente de trabalho. Tudo isso impacta na nossa estrutura de custos.

Estão a prever aumentos nos preços dos seguros?

Eu diria que sim. É expectável que haja aumento de preço dos seguros porque, se as estruturas de custos estão a crescer muito, se a receita está a crescer a um nível muito mais baixo que as despesas, só poderia dizer que é expectável que haja aumento de preços.

Como reagem as seguradoras face aos custos? Estão a recusar novas subscrições?

Não. Estamos a ser muito mais

selectivos na realização da despesa, na realização de investimentos. Por exemplo, tínhamos previsto abrir dois novos espaços este ano e estou apenas a atrasá-los. Mas vamos fazer, porque a Saham Angola Seguros está numa política também de presença no terreno. Temos 10 agências próprias, seis das quais fora de Luanda e quatro na zona da grande Luanda, e temos 25 pontos de venda, que, no fundo, são espaços próprios onde estamos na zona de grande tráfego e onde fazemos a comercialização dos nossos produtos. Não estamos a deixar de fazer o que devemos fazer, estamos a ser muito mais prudentes na realização de despesa. Ou seja, estamos a ser mais moderados nas nossas políticas de expansão, porque o momento assim o exige. Neste momento, estou a atrasar um pouco mais os investimentos.

Costuma-se a dizer que os clientes são ‘verdadeiros’ accionistas...

Isto é verdade. E por maioria da razão isso é verdade nas seguradoras, porque, quando se analisa um balanço de uma seguradora e quando vêem as previsões, na sua esmagadora maioria, pertence aos clientes.

Esses clientes cumprem com os contratos de seguros?

É característica dos mercados muito ligados aos produtos não-vida haver uma relação muito directa com a evolução da actividade económica. Se a actividade económica reduz, este tipo de seguros também reduz. Estamos a sentir esse efeito. Se a actividade económica aumenta, esse tipo de seguros também aumenta. O sector segurador em Angola está fundamentalmente assente no ramo ‘não vida’. Estamos a falar em seguros ligados a patrimónios, estamos a falar em seguros de responsabilidades. Ainda é muito pouco, no mercado, seguros vidas desenvolvidos.

A que casos concretos se refere?

Dou um exemplo concreto do que estou a dizer: neste período de menor actividade económica, sentimos que alguns clientes estão a reduzir volume e consequentemente os seguros de acidente de trabalho, porque têm menos trabalhadores. Outra coisa que

É sabido que, por força das dificuldades cambiais, todo o sector tem dificuldade em pagar o resseguro, porque não há divisas disponíveis, particularmente o dólar, para solver os nossos compromissos

Se as estruturas de custos estão a crescer muito, se a receita está a crescer a um nível muito mais baixo que as despesas, só poderia dizer que é expectável que haja aumento de preços

se nota no seguro automóvel é que há clientes que, por força do momento, estão a prescindir de ter coberturas de danos próprios, para ficarem só com coberturas obrigatórias de responsabilidade civil. É uma outra característica que se está a verificar.

Que estratégias têm seguido para manter os clientes?

Há que trabalhar muito na fidelização dos clientes. É muito importante manter os clientes, mesmo que reduzam os produtos que têm connosco. Isto é perfeitamente lógico em período de menor actividade económica.

“Fidelizar os clientes” significa dar facilidades?

Fidelizar significa manter os clientes, controlar e entender as dificuldades e o momento em que vivemos. Aqui, sentimos, e não só nós, mais dificuldades no cliente

de retalho. É mais difícil, hoje, ter o cliente de retalho. E não é porque o cliente de retalho, muitas vezes, passa de companhia a companhia. É mais porque as companhias têm dificuldades de retenção por causa da dificuldade de comunicar com os clientes. É difícil comunicar por morada. O único meio possível é através do telemóvel. Mas há outros meios de comunicação a serem estudados.

As campanhas de ‘fidelização de clientes’ envolvem subscrições promocionais, ou por prestações?

Faz parte da nossa estratégia. Eu não vou dizer se vou ter subscrições a prestações, porque posso fazer um seguro anual com fraccionamentos periódicos, e temos de ter garantias de que o pagamento desses fraccionamentos periódicos se efectivem depois. O que posso dizer é que estamos a trabalhar para que, no curto prazo, tenhamos soluções que vão ao encontro destas preocupações.

Consegue contabilizar o volume de seguros reduzidos na Saham por força da crise?

Não consigo contabilizar, mas, por exemplo, posso dizer que, apesar de tudo, ao nível do ramo automóvel, estamos a crescer 11%. Face ao actual contexto, depende da perspectiva que se quer encarar. O que sei é que tenho uma inflação de 38% e estou a crescer 11%. Mas compreendo a redução da actividade económica e daí a importância de controlar os níveis de custos.



Grande Entrevista

Continuação da página 6

Entre empresas e particulares, quem mais reduziu o volume de seguros?

Temos uma abordagem completamente diferente para empresas e clientes particulares por dois motivos: a maior parte dos clientes-empresas são mediados por correctores e sociedades de mediação. Exige uma abordagem diferente. Para esse caso temos a aplicação da lei para o efeito dos prazos de pagamentos. Normalmente, uma parte muito significativa paga no momento da prorrogação do contrato.

A nível do retalho, temos de pedir aos clientes particulares que venham junto de nós renovar o seu contrato. Quando vêm renovar o contrato, efectua o pagamento. A dificuldade é conseguir criar condições para que, de facto, venham junto de nós para efectuar a renovação.

Há dificuldades em contactar clientes particulares?

As empresas são mais fáceis de contactar, porque temos endereços e temos um interlocutor que é o corrector, ou a sociedade de mediação que nos ajuda a chegar à empresa. Ao nível do particular é mais difícil. O objectivo, quando se fala de atractividade, é criar condições que levem os clientes a vir junto de nós, para fazer a renovação da sua subscrição.

De modo global, a crise está afastar clientes das seguradoras?

Todos compreendemos o momento por que passamos. Por um lado, sabemos que há a obrigatoriedade do seguro automóvel e dos acidentes dos trabalhos. Essa obrigatoriedade vai levar naturalmente ao crescimento dos seguros em Angola. O momento que vivemos não permite que a expansão possa ser feita de uma maneira mais estruturada. Estimo que o mercado, em 2016, no ramo automóvel, não vá crescer. Vai ter o mesmo volume de facturação, mais ou menos idêntico face ao ano anterior. O que se está a verificar é que há aumento de volume de negócios no retalho e a diminuição no volume de negócios nas empresas.

Que resultados aguardam até 31 de Dezembro?

A Saham Angola Seguros irá fechar o ano com talvez mais de 130 mil apólices, quando há meia dúzia de

anos, a GA Seguros tinha 15 a 20 mil apólices. Isto porque o retalho, e particularmente o retalho automóvel, fez crescer muito o número de apólices. Isto exige também, do ponto de vista do sistema de gestão e do acompanhamento do negócio, uma lógica de funcionamento muito diferente ao nível das companhias.

Deste número, todas apólices surgem do segmento retalho?

Em Angola, o índice de posse de apólice será relativamente pouco superior a um, ou seja, cada cliente terá uma apólice, porque o que se vende hoje, fundamentalmente, a nível do retalho, é o seguro automóvel e o seguro de viagem, nomeadamente para quem viaja para o espaço Schengen. Admitimos que há muitos clientes de viagens, que também são nossos clientes, do seguro automóvel. Há muito trabalho por se fazer para aumentar a posse de apólice por cliente.

Quando falo em 130 mil apólices, falo em apólices em vigor. Se for a contabilizar apólices anuladas, estamos a falar de números muito superiores.

Que projecções de crescimento se esperam até ao final do ano?

Para o caso da Saham Angola Seguros, é expectável que se verifique um crescimento dos prémios, em

10

Agências, quantidade de lojas de seguros detidas pela Saham, em todo o país.

11

Por cento é a média de crescimento anual do volume de negócios da Saham Angola Seguros.

traduz uma quase duplicação dos nossos capitais próprios.

Acreditamos que para a expansão da nossa actividade e do nosso volume de negócios, precisamos de ter mais capital. É muito importante porque, nos momentos de crise, o cliente valoriza muito o preço. E é compreensível. Mas é importante saber que, quando se subscreve um seguro numa determinada seguradora, qual é a estrutura de capital que está por detrás, qual é a capacidade que essa seguradora tem para solver os seus compromissos.

Cabe também ao regulador, no caso a Agência de Regulação e Supervisão de Seguros (ARSEG), promover a solidez do próprio sector segurador e estarmos em condições de fazer face aos desafios que a economia angolana tem sobre si. Nós, Saham, somos seguradora há já muitos anos. Somos grupo pan-africano que está presente em 26 países, com 34 companhias de seguros.

Defende maior supervisão e obrigatoriedade para a maioria dos seguros?

De forma alguma. Não poderíamos fazê-lo no momento em que vivemos. Seria contraproducente. O que tem de ser feito por nós e por todos os stakeholders do mercado é criar condições, par-

ticularmente ao nível da literacia financeira, para que o seguro seja visto de uma outra forma. Há um potencial de crescimento do sector segurador em Angola, porque ainda representa menos de 1% do Produto Interno Bruto.

Mas a obrigatoriedade dos seguros 'arrasta' clientes às companhias?

Os seguros obrigatórios apresentam algum papel importante, até porque todos temos noção. Olhando para os números que se conhecem, ainda haverá muito veículo a circular sem seguro obrigatório e ainda haverá muita empresa que não tem o seu seguro de acidentes de trabalho. O seguro obrigatório é relativamente jovem. É um caminho que se vai percorrendo, sensibilizando as empresas, para a necessidade e os benefícios.

Soube-se que seis seguradoras vão arrancar com o seguro agrícola. A Saham integra o grupo?

Fazemos parte deste grupo piloto. É grupo de seis seguradoras, onde estamos integrados. Estamos a tentar fechar os últimos detalhes de produtos e soluções e preços. E, se tudo correr como desejamos, poderemos ter o seguro agrícola explorado.



PERFIL

Gestor de 57 anos, Paulo Bracons começou a actividade seguradora em Portugal, numa extinta companhia actualmente integrada na Fidelidade, accionista da angolana Universal Seguros. Em 1999, chega ao posto de director da companhia inglesa de seguros Royal Exchange, cargo que desempenhou por dois anos. Em 2014, salta para o grupo Axon, na sequência da compra da Royal Exchange. Chega a Angola, em Julho do ano passado, pela GA Seguros, actualmente denominada Saham Angola Seguros.

VEJA AS HISTÓRIAS
MAIS APAIXONANTES
NO SEU CANAL FAVORITO

zap NOVELAS

Canal 70



AS
AMAZONAS

SEGUNDA A SEXTA

20H00



Coração
que *mente*

SEGUNDA A SEXTA

16H00



CACHITO
do
CEU
Amor Divino

SEGUNDA A SEXTA

19H00



LIGUE
935 555 500

apoio.cliente@zap.co.ao

Todos os dias, incluindo feriados,
das 7:00 às 24:00

Visite-nos em www.zap.co.ao e siga-nos



Economia/Política

PAGAMENTO ATRELADO À FACTURA DA LUZ

GPL prepara cobranças da taxa do lixo até final do mês

SANEAMENTO. Depois de vários adiamentos e controvérsias à volta da implementação da taxa de limpeza de Luanda, a ENDE fica encarregue da cobrança e de encaminhar os montantes ao Governo Provincial de Luanda.

Por Martins Chambassuco

determina que, até final do mês, sejam feitos os primeiros testes de cobranças da taxa de saneamento nas centralidades do Kilamba e Sequele.

O interlocutor garantiu que a nova taxa de limpeza de Luanda vai ser finalmente cobrada na factura de electricidade, tendo avançado também que está em curso o processo de actualização da tarifa de energia eléctrica.

O departamento das tecnologias da Empresa Nacional de Distribuição de Electricidade (ENDE) está a finalizar o processo de inserção de dados da taxa de lixo no seu sistema automático de pagamento de electricidade, em Luanda, depois de vários adiamentos e indefinições sobre a entidade pública que deveria encarregar-se das cobranças.

A informação foi avançada, ao VE, por uma fonte ligada ao processo, antecipando que o programa estabelecido, entre o Governo Provincial de Luanda e a ENDE,



164

Mil kwanzas, valor que as grandes empresas passarão a pagar pela taxa de lixo

2,5

Mil kwanzas, valor que as zonas pagarão pela taxa de lixo

A medida, segundo lembrou, foi tomada em finais de Março pelo Governo de Luanda, mas a sua implementação está a ser posta em causa, depois da revisão a que foi sujeita por orientação do Presidente da República.

“Tudo indica, no entanto, que o processo esteja concluído até ao final do mês e a ENDE foi escolhida no sentido de introduzir as taxas às facturas dos seus clientes, em função da zona de residência”, reforça.

Quanto ao processo da actualização das tarifas em curso, a fonte garante que se trata de um trabalho espinhoso e espera-se que, no início das cobranças da taxa de lixo, ainda surjam várias reclamações.

As cobranças da taxa de lixo mantêm-se nos 164 mil kwanzas

mensais para as empresas de grande porte, um modelo que se espera, venha a ser aplicado em todo o país.

No centro de Luanda ou nos arredores, nomeadamente na Maianga, Alvalade, São Paulo, Vila Alice, Maculusso, Miramar, Mutamba, Ingombota, Bairro Azul, Bairro Popular, Talatona, Urbanização Nova Vida, Bairro Benfica, Morro Bento ou Futungo, entre outros, será paga uma taxa mensal de 2.500 kwanzas.

Nas zonas afastadas do centro da cidade, como são os casos dos municípios do Cazenga, Belas, Viana e Cacuaco, a taxa será de 1.500 kwanzas, enquanto nos municípios da Quiçama e de Icolo e Bengo serão cobrados 500 kwanzas ao mês.

De acordo com o regime jurídico da taxa dos serviços de limpeza, divulgado em Maio último, juntamente com um decreto presidencial, a cobrança desta taxa, com os custos públicos “dispendiosos” na recolha e tratamento dos resíduos sólidos, é para potenciar a receita necessária e otimizar a prestação destes serviços, seguindo critérios de qualidade e eficiência.

O documento presidencial indica que a taxa é devida por cada agregado familiar, inicialmente apenas nas circunscrições administrativas de Luanda, “podendo ser aplicada às outras províncias do país” com as “devidas adaptações”.

De recordar que o modelo ficou envolto em polémica e os primeiros valores foram chumbados pelo Presidente José Eduardo dos Santos, em Abril, tendo sido entretanto revistos em quase 50%.

A cobrança, segundo a fonte que vimos citando, será agora feita com a factura da electricidade e a receita encaminhada até ao dia 15 do mês seguinte para o Governo Provincial de Luanda, responsável pela contratação das novas empresas.

AGRONEGÓCIO

Pólo agroindustrial de Capanda cai no insucesso

O presidente do conselho de administração da Sociedade de Desenvolvimento do Pólo Agro-industrial de Capanda (SODEPAC), Carlos Fernandes, admitiu, na passada quinta-feira, o insu-

cesso do projecto devido a dificuldades financeiras. O gestor disse, em declarações à Lusa, que as metas daquele projecto agrícola de grande dimensão, prevendo 270.000 hectares

de cultivo, lançado há cerca de uma década, não foram alcançadas, apontando agora a necessidade de ser feito “um diagnóstico correcto” do que aconteceu. “Provavelmente haverá razões

objectivas para isso, mas o que é certo é que nós temos hoje uma indicação clara daquilo que temos que perspectivar no futuro relativamente às empresas de capital público do agro-negócio”, disse o administrador da SODEPAC. O responsável defendeu a necessidade de um saneamento do ponto de vista técnico e financeiro, por via da participação de parceiros

tecnológicos e financeiros.

“A nossa saúde financeira não é muito boa, nós temos um potencial bastante elevado no país para o agro negócio e provavelmente teremos parceiros tecnológicos e financeiros, para, com base naquele modelo de cooperação capital de risco promocional, relançar estas empresas”, apontou o gestor.



O GOVERNO vai agravar a taxa de importação de carne para incentivar o aumento da produção nacional. Dados oficiais indicam que, anualmente, o país gasta cerca de mil milhões de dólares com a importação do produto.



A ADMINISTRAÇÃO Geral Tributária (AGT) está a implementar, desde 2015, um sistema integrado de gestão tributária que está a ser desenvolvido no sentido de ser compatível com o IVA, que Angola pretende introduzir no sistema fiscal.

PREOCUPAÇÕES DO FMI

Desaceleração da economia e alta inflação

VISITA FUNDO. Começou a trabalhar em Luanda uma equipa do FMI em mais uma missão a Angola, com a agenda a inscrever encontros com membros do Governo e várias instituições públicas e privadas.

Christine Lagarde,
directora-geral do FMI



Por Cândido Mendes

S em pontos prévios para discutir com o Governo, a missão do FMI trouxe, no entanto, dois temas que preocupam a instituição liderada por Christine Lagarde: o baixo nível de crescimento da economia nacional e a alta inflação, que se aproximou dos 40% no mês de Setembro.

“O crescimento económico está em níveis ainda muito baixos, muito aquém do desejado”, destacou Ricardo

Velloso, chefe da missão, em declarações a repórteres. “Estaremos a conversar com as autoridades económicas do país sobre o que pode ser feito ao longo do tempo para que esse crescimento volte a acelerar”, notou.

No caso da inflação elevada, a explicação está na desvalorização cambial, além dos últimos ajustes “necessários” aos preços dos combustíveis. A questão também passa por “saber o que pode ser feito para que volte a níveis mais adequados”.

A economia nacional vai crescer 0% devido à “queda abrupta das receitas petrolíferas”, segundo estimativas do FMI, no seu relatório publicado a 4 de Outubro. O Governo é, no entanto, menos pessimista, apesar de já ter sido obrigado

a rever as metas de crescimento da economia. No Orçamento Geral de Estado (OGE) revisto, em Agosto, o Governo admitiu uma taxa de crescimento de 1,1% contra os 3,1% anteriores, com o sector petrolífero a crescer apenas 0,8% contra os 4,8% projectados inicialmente.

Para o próximo ano, as projecções do Governo são mais optimistas, inscrevendo, no OGE, ainda por aprovar pelos deputados, um crescimento do produto interno bruto de 2,1% e uma taxa de inflação a cair para 15% dos 39,4% actuais.

Analistas consultados pelo VALOR receiam, no entanto, das ambições oficiais, quanto ao abrandamento significativo do nível médio dos preços, sobretudo depois de os cálculos do Governo terem falhado

Tópicos para análise do FMI

- * Aspectos recentes da economia angolana
- * Perspectivas para o ano 2017
- * Tendências de endividamento
- * Desempenho do produto agregado
- * Desempenho dos preços
- * Política cambial, monetária
- * Bancos correspondentes
- * Políticas de subsídios

1,1

Txa de crescimento do PIB prevista pelo Governo este ano

0%

Crescimento previsto pelo FMI para 2016

ministros das Finanças, Archer Manguera, do Planeamento e Desenvolvimento Territorial, Job Graça, e da Economia, Abrahão Gourgel. E foi precedida do encontro com directores nacionais dos mesmos departamentos ministeriais.

A missão realiza-se no âmbito do célebre ‘Artigo IV’ que autoriza o FMI a efectuar visitas anuais de consultas aos países membros, de modo a avaliar a saúde económica de cada país, prevenindo problemas financeiros.

Os temas com o FMI devem assim incluir um pouco de tudo, desde a dívida pública, os atrasos nos pagamentos públicos e privados, passando pela diversificação da economia. No fim, deve emitir recomendações de políticas. “É uma espécie de consultoria para o nosso Governo”, afirmou o economista Emílio Londa, director do Gabinete de Estudos e Relações Internacionais do Ministério das Finanças que foi o porta-voz do Governo. As recomendações que forem depois produzidas tornar-se-ão numa “fonte de opinião adicional” para a política económica do Executivo.

A última visita de Ricardo Velloso e a sua equipa a Luanda foi em Junho passado e visava avaliar as condições macroeconómicas do país, na senda da solicitação de uma ajuda técnica e financeira para fazer face às dificuldades geradas com a queda dos preços do crude no mercado internacional.

Mas o pedido de empréstimo foi retirado, mal o FMI regressou a Washington, com a justificação de que o Governo não precisava. O VALOR noticiara, entretanto, que o então ministro das Finanças, Armando Manuel, tera agido sem a “autorização explícita” do Presidente da República.

em Setembro em cerca de um ponto percentual, ao anteverem a inflação para os 38,5%. O Governo defende-se, no entanto, que vai atingir o objectivo através da implementação de “políticas fiscais e monetárias adicionais”.

Para o FMI, o “positivo” é a “certa estabilidade” no preço do barril que oscila entre os 45 e 50 dólares, “considerando a dependência do petróleo”.

“UMA ESPÉCIE DE CONSULTORIA”

A reunião preliminar com membros do Executivo incluiu os

Economia/Política

TOTAL FOI O MAIOR INVESTIDOR EXTERNO NO PAÍS

Angola capta 4% do investimento estrangeiro em África

ESTUDO. Petrolífera francesa Total foi considerada, em 2015, como o maior investidor externo em Angola de acordo com o relatório 'The Africa Investment report 2016', divulgado em Outubro.

Por Martins Chambassuco

Dados apresentados, na semana passada, indicam que o país captou projectos de investimento estrangeiro no valor de 2,7 mil milhões de dólares, no ano passado, absorvendo 4% do total que é destinado ao continente, com o Egipto a liderar as maiores economias de África.

O relatório, produzido pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, na sigla inglesa), indica que a petrolífera francesa Total, que, no ano passado, investiu 2,2 mil milhões de dólares, foi o maior

investidor externo em Angola e o terceiro maior no continente.

O documento aponta ainda que a dinâmica económica externa tem colocado Angola no palco de crescimento da África Austral, apesar da retracção do investimento directo estrangeiro provocado pela queda do preço do petróleo em Angola este ano.

Os analistas revelam que a riqueza natural e a estabilidade governativa e social tornam o país um destino preferencial de investimento.

Apesar da crise financeira e cambial que afecta a economia nacional, o impulso do investimento directo estrangeiro (IDE) em Angola continua a ser o sector energético, seguindo-se a construção e obras públicas financiada por esses mesmos recursos naturais.

O relatório indica, por outro lado, que o mercado interno pode jogar um papel determinante e estimulante, em consequência do crescimento da empregabilidade de natureza industrial e o consequente aumento do rendimento médio disponível com a estabilidade financeira do país.

“A diversificação da economia, em curso no país, pode ditar outro paradigma a nível do mercado interno e aquecer a economia com a entrada de mais capital estrangeiro”, consideram os analistas da UNCTAD.

A nível de África, os indicadores do investimento directo estrangeiro colocam Angola como o sétimo destino do capital externo, em 2015.

O Egipto, atraiu projectos no valor de 14,5 mil milhões, apesar de registar uma quebra de 19% em relação ao ano anterior e foi considerado o maior destino do investimento directo estrangeiro em África, no ano passado.

Na posição imediata surge a Nigéria (8,6 mil milhões de dólares), Moçambique (5,1 mil milhões de dólares), a África do Sul (4,7 mil milhões de dólares), Marrocos (4,5 mil milhões de dólares), Côte d'Ivoire (3,5 mil milhões de dólares) e Angola (2,7 mil milhões de dólares).

O relatório refere que todos estes países recuaram, tal como o Egipto, em relação ao investimento estrangeiro captado em 2014.



A variação do investimento nas 10 maiores economias africanas fez com que outros países reforçassem o seu posicionamento na classificação do relatório em termos de captação do capital estrangeiro.

O Quénia é um destes países que tem vindo a aumentar a atracção do investimento estrangeiro e está logo a seguir a Angola, como 2,4 mil milhões de dólares, um aumento de 8% relativamente a 2014.

O Senegal captou 1,9 mil milhões de dólares, um aumento de

473%, enquanto os Camarões, em que os projectos de investimento externo envolveram 1,8 milhões de dólares, deu um impulso de 829% na sua carteira de IDE.

O maior número de iniciativas empresariais foi dirigido à África do Sul, que captou 118, equivalentes a 17% de todos os projectos dirigidos ao continente. Os serviços financeiros lideram os investimentos em África, seguindo-se o carvão e o petróleo e gás natural que receberam 15,7 mil milhões de dólares.

EXPORTAÇÕES

CPLP pede mais investimento angolano

O presidente da comunidade económica dos países lusófonos defendeu recentemente, em Luanda, que as empresas angolanas devem diversificar os seus negócios e expandir os investimentos dentro da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Salimo Abdula falava no fórum sobre a internacionali-

zação de empresas angolanas, realizado, realizado na passada quinta-feira, em comemoração ao terceiro aniversário da Comunidade de Empresas Exportadoras e Internacionalizadas de Angola (CEEIA).

O presidente da Comunidade Económica da CPLP frisou que Angola tem um papel fundamental nas oportunidades de negó-

cios existentes nesta organização de países, sublinhando o “potencial elevadíssimo” em recursos minerais e petróleo.

“Mas chamo a atenção que ter petróleo nos dias de hoje não é ter tudo. Temos assistido a volatilidade da oscilação de preços no mercado mundial, que certamente cria constrangimentos para os países que foram depen-

dentos destes recursos, há que ter alternativas”, frisou, defendendo a aposta no turismo e agricultura.

A CEEIA conta actualmente com cerca de 30 filiados, havendo entre o grupo empresas que se dedicam à exportação de produtos agrícolas, na região austral africana, mais concretamente para a República Democrática do Congo.



A COMUNIDADE de Empresas Exportadoras e Internacionalizadas de Angola (CEEIA) realizou, na sexta-feira, o 'II Fórum Internacionalizar é Crescer', para assinalar o seu terceiro aniversário.



SETE MILHÕES e 846 kwanzas foram arrecadados pelo sector do turismo, no Moxico, de Janeiro a Outubro, informou o director provincial do Comércio, Hotelaria e Turismo, Francisco Brás Caiombo.

EXPLORAÇÃO DE FERRO EM GRANDE ESCALA ARRANCA EM 2018

Minérios podem captar três mil milhões USD/ano para o Estado

MINERAÇÃO. Com exploração de mais de 14 projectos de rochas ornamentais, e outros nove de outros minérios sector espera alterar base económica do país.

Por José Zangui

O Plano Nacional de Geologia (Planageo), que tem como objectivo identificar que tipo de minérios tem o país e onde estão localizados, já cobriu 95% do território. Para além do mapeamento geofísico, o Planageo tem o objectivo de também de cadastrar geocientistas nacionais de modo a acomodar o incremento da actividade do sector.

De acordo o ministro da Geologia e Minas, Francisco Queiroz, os dados preliminares são "bastante encorajadores", porque mostram que, por todo o país, há ocorrências minerais. Francisco Queiroz afirmou que o Governo traçou uma estratégia para o sector das minas, programada para três fases: curto, médio e longo prazos cujo. O "objectivo é alterar a base económica do país, através das receitas fiscais e o aumento de cambiais", apontou.

Depois da montagem de três laboratórios que vão processar as amostras recolhidas, obras a cargo da empresa chinesa CITIC, Francisco Queiroz



Estudo aponta existência de ferro, na localidade da Cerca, Kwanza-Norte



Ouro, mm dos minérios procurados no Planageo



Sector minério pode alterar a base económica do país

acredita que Angola estará em condições de definir a criação de Pólos Desenvolvimento Mineiro e programar a actividade geológica e mineira para os próximos 100 anos.

No curto prazo, inseridos na estratégia até 2018, estão os projectos de extracção do ferro gusa, no Kuando-Kubango e o projecto de Kassinga, que deverá gerar 800 empregos e produzir um milhão e 700 mil toneladas de minério por ano.

Mas há outros projectos de ferro identificados, como o de Kassala Kitungo, no Kwanza-Norte, em fase de investigação geológico-mineiro avançada, e ainda, no Kwanza-Norte, o projecto de ferro, na localidade da Cerca.

No total, estão inscritos 14 projectos das rochas ornamentais, mais nove identificados este ano, para a exploração, com os quais se espera alcançar uma produção

anual de 60 mil metros cúbicos.

O cadastramento de quadros geocientistas e geo-engenheiros, no quadro do Planageo, para dar resposta aos desafios que se colocam também prossegue "a bom ritmo", de acordo com o responsável da área dos Recursos Humanos, Luciano Canhanga. Até Setembro, foram inscritos 3.955 quadros, 3.022 dos quais são homens e 933 mulheres.

2018

Ano que se perspectiva o início da produção em grande escala

9

Novos projectos de rochas ornamentais identificados este ano

LINGUAGEM FÁCIL

O Ministério da Geologia e Minas considera que o Planageo é o maior investimento global do país no domínio das geociências, por essa razão quer que os jornalistas e fazedores de opinião tenham domínio dos conceitos utilizado pelos especialistas para traduzirem a geologia em linguagem simples aos destinatários (radiouvintes, telespectadores e leitores).

Nesta senda, o Ministério da Geologia e Minas promoveu um workshop de capacitação a jornalistas e fazedores de opinião, que designou por Geoformando.

A PARTIR DO PRÓXIMO ANO

Exploração florestal só com repovoamento

As autoridades florestais nacionais vão condicionar, a partir do próximo ano, a concessão de exploração florestal à apresentação de um plano de repovoamento das áreas a desbravar, informou, sexta-feira, em Luanda, a responsável do departa-

mento do fomento florestal do Instituto de Desenvolvimento Florestal, Elizabeth de Almeida.

A responsável, que falava a propósito da produção da madeira no país, reforçou que a conservação da cobertura vegetal das florestas por

meio do repovoamento será o principal objectivo da nova política de concessão florestal que deverá vigorar a partir de 2017.

A nova lei de exploração florestal vai conceder, segundo disse, 15, 20 e 25 anos aos madeireiros de

forma a poder exigir-se a reposição das árvores abatidas, ao contrário do actual modelo que concede um ano, "tempo insuficiente para se impor ao explorador o repovoamento da área utilizada".

"Os indivíduos interessados na exploração da madeira deverão incluir no expediente um plano de repovoamento, de outra forma não lhe será dada a licença", destacou.



Economia/Política

CEM ANOS DEPOIS

Portugal cessa presença directa na exploração de diamantes em Angola

MINERAÇÃO. Entendimento entre partes custou 160 milhões USD à Endiama e é o culminar das negociações que permitiram venda, por Portugal, dos 49% que detinham na Sociedade Mineira do Lucapa (SML), pondo fim à presença centenária num dos sectores estratégicos que mais cresce.

Por Martins Chambassuco

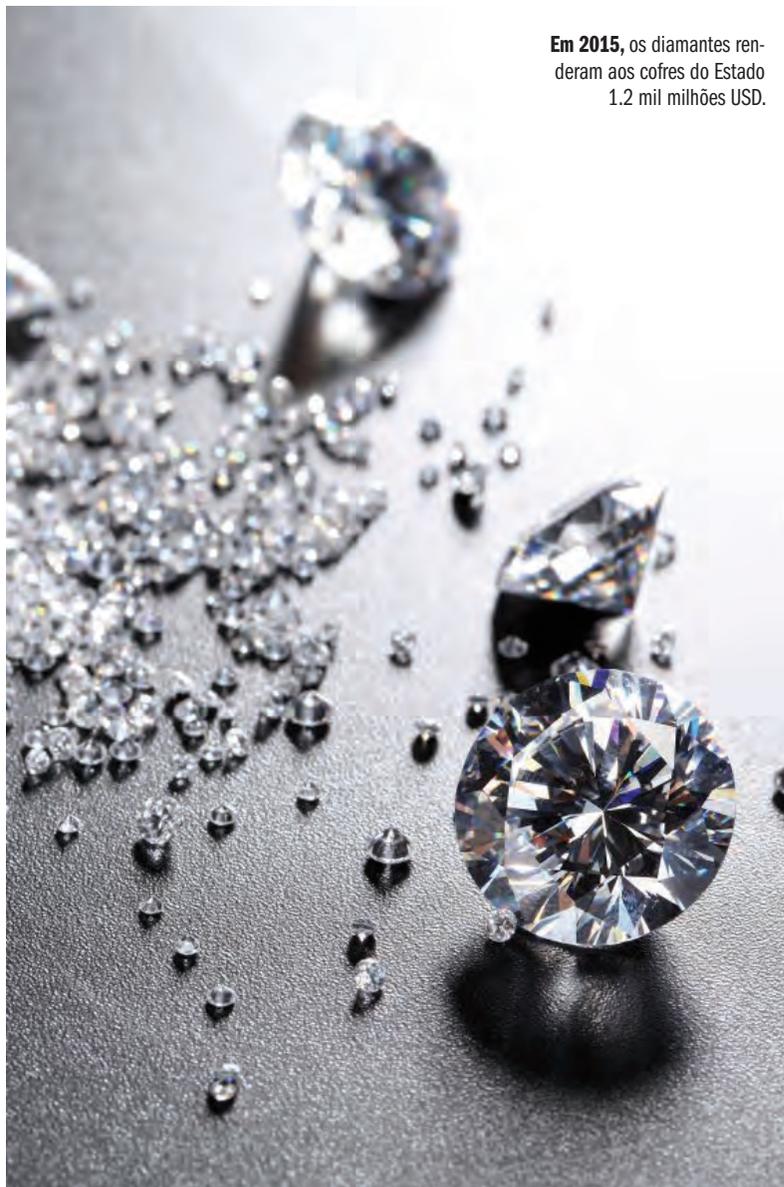
A diamantífera angolana, Endiama e a Sociedade Portuguesa de Empreendimentos (SPE), maioritariamente detida pelo Estado português, chegaram ao acordo definitivo que põe fim ao conflito entre as duas empresas que se arrastava desde Outubro de 2011, data em que Angola revogou a licença de exploração à SML.

Uma acção intentada, na altura, pela parte portuguesa como uma decisão ilegal, enquanto o Estado angolano defendia a legitimidade da decisão. Após o agravamento dos desentendimentos em relação aos investimentos no negócio e ao pagamento dos salários em atraso dos trabalhadores da SML.

Recordando o histórico, o presidente do conselho de administração da Endiama, Carlos Sumbula, disse que as duas empresas cooperaram desde a década de 1980, no entanto, durante o percurso, “houve desentendimentos que levaram o conflito ao tribunal arbitral”.

O gestor da diamantífera nacional considera mesmo ser um acordo “bom para as partes”, perspectivando que este não seja o fim da parceria entre Portugal e Angola, no domínio da exploração de diamantes.

“Queremos que a SPE mantenha a cooperação noutras áreas e pensamos que será uma nova aposta que pode beneficiar os



Em 2015, os diamantes renderam aos cofres do Estado 1.2 mil milhões USD.

1912

ano da descoberta do primeiro diamante em Angola.

160

milhões de dólares, valor pago pela Endiama à SPE pela quota na SML.

MEMORIZE

- A crise começou em 2011 com a revogação da licença de exploração de diamantes na SML, uma medida que a SPE considerou de ilegal em relação aos seus interesses. Em Novembro de 2015, foi assinado, em Portugal, o acordo que obriga a Endiama a pagar 160 milhões de dólares pelos 49% da quota da SPE na SML.

dois Estados”, refere, realçando que foi um ganho por se tratar do fim de um conflito que quase pôs em causa as relações diplomáticas entre os dois países e outras áreas de cooperação.

Carlos Sumbula lembrou ainda que houve interesses que levantaram este conflito que, no seu entender,

“nem deviam ter existido”.

“Negociámos à medida que os factos se foram desenrolando. Esperamos que a SPE coopere com a Endiama noutros domínios e esse interesse foi manifestado aqui. Estamos a identificar as áreas onde as empresas portuguesas podem entrar no negócio com a Endiama”, mas

lembra que a quota de 49% que a SPE detinha na SML passou para a Endiama mediante uma compensação monetária.

O VE apurou que o acordo só foi possível depois que a SPE aceitou negociar com as autoridades angolanas fora do tribunal arbitral e depois ter aceite uma oferta de

160 milhões de dólares da Endiama.

Hélder Oliveira, presidente da comissão executiva da SPE reconheceu o quanto foram difíceis as negociações em função do conflito instalado entre as partes. Revelou que as duas empresas defenderam os seus interesses e foi um esforço para se chegar ao entendimento.

“Este pode ser o ponto de partida para uma cooperação futura segura. Mas este é um acordo que põe fim a presença portuguesa no sector diamantífero angolano que remonta a 1912. E nós fazemos questão de devolver a Angola o acervo geológico mineiro”, diz.

Este acordo, prosseguiu, vai permitir uma cooperação empresarial mais activa para promover os negócios entre os dois países.

Questionado sobre o momento do sector diamantífero angolano, o gestor português afirma que a saída de Portugal, neste momento, é dolorosa e nostálgica. No entanto, deixou claro que este entendimento não significa que Portugal não regresse a explorar diamantes em Angola.

“Temos de ser realistas quando estamos à frente das empresas, chegámos à conclusão que era impossível, nas circunstâncias do passado, continuar com a mesma acção e conseguimos ultrapassar isso. Acredito que, no futuro, teremos outras formas de cooperação positivas. Há um conjunto de empresas portuguesas que podem contribuir significativamente nos negócios do sector diamantífero e já foram identificadas”, explica.

De recordar que, ao longo destes anos, a SPE estava a tentar receber uma indemnização, com argumentos legais contra a Endiama e contra o próprio Estado angolano. Numa segunda fase, foi a vez de Angola a pedir uma indemnização à SPE, agudizando o conflito entre as partes. E assim quebra-se um ciclo de 104 anos da presença lusa nos diamantes angolanos.



CONCERA

- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



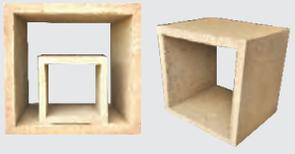
✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO

• Blocos 	• Abobadilhas 	• Lancil 	• Pavê 	• Lajetas 
• Manilhas 	• Grelha de enlramento 	• Tubos 	• Cones 	• Caixas de visita 

✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS

• Vigotas 	• Painel e Laje Alveolar 	• Laje TT 	• Ripas 
--	--	--	--

✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Estrada das Terras Verdes
 km 1 Caope Velha Funda - Cacuaco – Luanda
 Escritório: (+244) 928 981 644
 comercial@concerangola.co.ao | www.concerangola.co.ao

Mercado & Finanças

PARA POUPAR CUSTOS NA PRODUÇÃO DE CÉDULAS

BNA admite reduzir ‘papel’ por moeda electrónica

MEIOS DE PAGAMENTO. Banco central defende maior aplicação de meios financeiros digitais por ajudarem na inclusão financeira e poupem custos ao Estado na emissão do papel-moeda. Vantagens chegam a clientes pela facilidade, rapidez e segurança na operação. Estratégia deve juntar operadores de internet e de rede móvel.

Por Nelson Rodrigues

A

aposta dos bancos comerciais na aplicação e utilização dos sistemas de pagamentos móveis (SPM) vai ajudar o Banco

Nacional de Angola (BNA) a reduzir custos com a produção de notas e moedas metálicas, num processo que junta instituições financeiras bancárias e não bancárias e operadores de rede de telefonia móvel e internet.

A ideia foi defendida pelo director para educação e inclusão financeira do banco central, Avelino dos Santos, e pelo coordenador regional da Aliança para Inclusão Financeira (AFI) para América Latina, Caribe e Angola, Carlos Moya, durante o fórum internacional sobre inclusão financeira, realizado na semana passada.

“A moeda física custa muito dinheiro aos cofres do Estado”, reconheceu Avelino dos Santos, responsável do BNA, para quem a massificação dos sistemas de pa-

gamentos móveis vai tirar várias pessoas da informalidade e colocá-las no sistema financeiro.

Para o banco central, além de poupar recursos ao Tesouro, com a emissão de moedas, o SPM poderá revolucionar o sistema financeiro angolano, com a inclusão de mecanismos tecnológicos que “vão facilitar tanto aos bancos, tanto aos clientes”.

Do lado dos clientes, “permitirá ainda, por via de uma tecnologia à mão, fazer operações bancárias, em tempo real, a um baixo custo”, reforça Avelino dos Santos.

Da AFI, “não vão faltar apoios”, sobretudo no processo de implementação dos serviços que potenciem a inclusão financeira, como é o caso da poupança e dos sistemas de pagamentos móveis. “Os serviços financeiros digitais facilitam o acesso aos serviços financeiros ao menor custo possível. Também possibilitam que as pessoas que vivem longe das grandes cidades tenham os serviços financeiros graças à tecnologia”, explicou Carlos Moya, da AFI.

Outra vantagem do SPM, na visão de Avelino dos Santos, é o da promoção do sistema financeiro nacional ao nível das economias da SADC. Ou seja, Angola passa a integrar o clube de países africanos que utilizam

MEMORIZE

- Os bancos BAI e BFA, por exemplo, dispõem ambos dos serviços E-Kwanza BAI e o BFA-Net, respectivamente, aplicativos informáticos que permitem fazer operações mesmo à distância. É o mesmo que acontece com o BPC, BIC e o Millennium Atlântico.

os recursos tecnológicos no sistema financeiro. “O objectivo é inserir Angola no mapa de países africanos, onde funciona o serviço de pagamentos móveis, o mobile banking, além de potenciar e introduzir o funcionamento de serviços financeiros através da moeda electrónica”, defende o director para educação e inclusão financeira do BNA.

PAGAR COM TELEMÓVEIS

Debatido no seio dos operadores bancários angolanos, desde finais de 2014, o sistema de pagamentos móveis está perto de ser uma realidade material para vários bancos e seus clientes, a avaliar pelo número de serviços já oferecidos, usando a via tec-

Angola passa a integrar o clube de países africanos que utilizam os recursos tecnológicos no sistema financeiro.



nológica, e pela “facilidade e rapidez” que gera às operações bancárias.

Actualmente, quase metade dos bancos já tem este recurso entre os seus serviços.

Para a expansão dos serviços, “vai ser necessária uma maior aproximação entre os bancos e as operadoras de serviços de internet e telefone da rede móvel”, como defendeu o administrador do BNA António da Cruz, na abertura do fórum que saudava o dia mundial da poupança.

“A interoperatividade das empresas que desenvolvem a solução de pagamentos móveis deve garantir que as mesmas façam operações com várias entidades bancárias, de forma a conquistar a confiança dos clientes”, considerou António da Cruz.

MOBILE BANKING EM ÁFRICA

Dados recentes colocam a África no topo de continentes com maior operações financeiras por via de telemóveis. Segundo uma pesquisa de-

envolvida pela Juniper Networks – empresa norte-americana de TI e de rede de computador – África terá alcançado cerca de 2 biliões de dólares em receitas, em Dezembro de 2015, aguarda ganhos de cerca de 4 biliões de dólares até 2018, em operações de mobile banking.

A Tanzânia e o Uganda aparecem referidas no estudo como exemplo do sucesso africano na implementação dos canais de pagamento eletrónicos, por terem facturado 10% com os pagamentos móveis, ganhos registados pelas operadoras móveis de ambos países, a Vodacom Tanzânia e a MTN Uganda, respectivamente.

Um dos motivos para o crescimento na região seria a possibilidade de operações de transferência entre empresas de diferentes países, como a parceria da Safaricom com a MTN no corredor Ruanda-Quênia (engloba os países Burundi, Congo, Uganda, Quênia e Ruanda), explica o estudo, citado na edição online da ‘Mobile Time’.



OS BANCOS COMERCIAIS adquiriram divisas no valor de 1.397 milhões USD no mercado cambial, em Setembro, dos quais 1.242 milhões USD ao banco central e o remanescente aos seus clientes, indica o BNA, em comunicado.



O COMITÉ DE POLÍTICA Monetária do Banco Nacional de Angola (BNA) decidiu, na semana passada, manter inalteradas as principais taxas de juro de referência do mercado, nomeadamente a taxa básica que permanece em 16%.

DADOS DO BANCO NACIONAL DE ANGOLA

Angola tem 7,8 milhões de contas bancárias abertas

BANCARIZAÇÃO. Dados da última inspeção do Banco Nacional de Angola à banca comercial apontam para a existência de 7,8 milhões de conta bancária abertas em todo sistema, para um universo de quase 15 milhões de pessoas adultas. A meta é chegar aos 60% de taxa de bancarização da população em 2017.

Por Nelson Rodrigues

A taxa de bancarização da população alcançou, este ano, a marca de 52%, correspondente a 7,8 milhões de contas bancárias abertas, num universo de 14,8 milhões de pessoas adultas acima dos 15 anos, de acordo com números do Banco Nacional de Angola (BNA), recolhidos da última inspeção à banca comercial.

Divulgado na última semana pela direcção para educação e inclusão financeira do banco central, o processo de bancarização da população consta de uma estratégia iniciada em 2013 e visa alcançar, até 2017, cerca de 60% da população adulta, em conformidade com os critérios internacionais para inclusão financeira.

“Esses são os nossos níveis de taxa de bancarização”, assegura Avelino dos Santos, director para educação e inclusão financeira do banco central, sublinhando que “nem todas as contas bancárias entram para aquilo que são os critérios para taxa de bancarização”.

Para o BNA, os números vão aumentar, já que, trimestralmente, o regulador faz avaliação aos níveis de evolução do sistema. “Temos acompanhado a evolução do sistema. O que nos interessa é o âmbito da inclusão financeira, para conseguir que, cada angolano, essencialmente

adulto, possa ter uma conta bancária”, garante o regulador.

Os desafios da bancarização da população angolana são anteriores às administrações de Valter Filipe e de José Pedro de Moraes Júnior no comando do Banco Nacional de Angola. Na ‘Era’ de José de Lima Massano, veio a introdução do programa de inclusão financeira através do programa ‘Bankita’, que consiste na abertura de contas a partir dos 100 kwanzas, e que aumentaram a bancarização.

Actualmente, a estratégia prossegue e conta com as experiências da Aliança para Inclusão Financeira (AFI) e de vários países africanos. “É uma matéria extremamente nova por nós trabalhada, temos nos apoiado muito na Aliança para Inclusão Financeira”, reconhece o banco central, através do seu gabinete para o efeito.

Também contam para o processo de inclusão financeira os bancos comerciais. Aliás, são estes que fornecem os dados para a compilação das estatísticas do que é actualmente o sistema bancário nacional, segundo Avelino dos Santos, que reconhece haver dificuldades na colecta de informações no sistema.

“Não é fácil, porque temos que

60

Por cento corresponde a meta do Banco Nacional de Angola para a taxa de bancarização até 2017.

mexer nos aplicativos das instituições financeiras, para que consigamos ter parte desse reporte que tem de chegar ao BNA, para consolidar a informação da inclusão financeira”, admite.

BANCARIZAÇÃO CASO A CASO

Do trabalho de José Massano, seguido por Pedro de Moraes e agora Valter Filipe, já se pode assinalar o acesso aos serviços financeiros em larga extensão geográfica nacional e a considerável penetração. O que não foi “possível apurar” pelas três administrações do banco central é o quanto de crédito e depósito já movimentou no sistema.

“Apenas um ponto é um pouco mais difícil é o cálculo da utilização dos depósitos e créditos que são concedidos à população relativamente ao sector privado”, aponta o banco central.

Nem todos os serviços financeiros tiveram igual posicionamento e penetração geográfica. Se para alguns casos o BNA já conseguiu apurar, para outros a “situação é crítica”.

De acordo com os dados do BNA, estão disponíveis e operacionais apenas 51 Terminais de Pagamento Automáticos (TPA) por cada 1000 km quadrados, duas caixas de pagamentos automáticos (ATM, na sigla em inglês), por cada 1000 km quadrados, e uma agência bancária igualmente por cada mil quilómetros quadrados.

Em termos de utilização, por número de pessoas, estão registados 817 TPA, por cada 100 mil pessoas, 37% de ATM por cada 100 mil pessoas e apenas 19 agências bancárias, por cada 100 mil pessoas.



Penetração geográfica e demográfica dos serviços financeiros

51 TPA	1000 Km2
Duas caixas ATM	1000 km2
Uma agência bancária	1000 km2
Utilização por número de pessoa	
817 TPA	100 mil pessoas
37% de ATM	100 mil pessoas
19 agências bancárias	100 mil pessoas
Total de agências bancárias aberta até Julho	1.515
Total de ATM	2,9 mil
Total de TPA	64 mil
Total de multicaixa activos	2,2 milhões

Mercado & Finanças

FALHAS NOS ATM DIVIDE OPINIÕES

Emis ‘culpa’ bancos por atrasos nas transferências via multicaixa

PAGAMENTOS AUTOMÁTICOS. Operadora de rede multicaixa diz não ter culpa no atraso com as transferências e escassez de notas nas caixas automáticas. Administração esclarece que a entidade é apenas intermediária no processo. Explicação “cabe aos bancos”.

Por Nelson Rodrigues

tadora’ no processo, cabendo aos bancos comerciais a responsabilidade da activação das “ordens de transferências” e de “crédito às contas” de destinos das operações nas plataformas multicaixa.

“A Emis não tem nada a ver com [as falhas] nas transferências, porque a Emis pega a transferência de um lado e passa para outro. O que acontece é que, para haver transferência, a primeira coisa é que os dois bancos têm de ter os sistemas online”, asseverou.

“Se um dos bancos tiver o sistema em baixa, a transferência não se processa”, justificou Bruno Costa, quando questionado sobre as constantes falhas, falta de dinheiro e erros no pagamento de serviços.

Para todas as operações de transferência, via multicaixa, o tempo máximo estimado é de 24 horas, quando realizadas entre contas de bancos diferentes. Para

MEMORIZE

● **A FALTA DE NOTAS** nas caixas automáticas, a Emis ‘culpa’, por um lado, os bancos, pelos “atrasos na reposição de notas”, e, por outro, os clientes, pelos “levantamentos em massa que fazem, sobretudo aos fins-de-semana e fins de meses, quando são activados os salários”. Nas transferências, se houver problemas da parte da Emis essas não ocorrem, mantendo intacto o saldo do emissor.



24h

Tempo máximo estimado para operações de transferência via multicaixa.



Mário Nijntjes © VE

as operações de contas do mesmo banco, a transferência é automática. Ou seja, ocorre minutos depois da ordem de transferência do titular da conta emissor, de acordo com a Emis.

“A transferência de contas do mesmo banco é automática. Se é automática, quer dizer que o dinheiro não fica na Emis. A Emis apenas faz a ligação. O banco que recebe tem um prazo para fazer o crédito na conta do beneficiário”, explica Bruno Costa.

Das várias transferências realizadas ao longo do dia, e para o caso de contas de bancos diferentes, o processo envolve o Banco Nacional de Angola (BNA). Ou seja, é o banco central que, após a compensação das operações, disponibiliza os fundos de um banco e passa para outro, para que, no dia seguinte, sejam creditados na conta dos beneficiários das transferências.

Questionado sobre as falhas tecnológicas, e sobre o impacto na finalização das transferências, Bruno Costa sublinhou que, “se

houver problema da parte da Emis, essas nem sequer ocorrem”, mantendo “intacto” o saldo de conta do emissor da transferência.

Para explicar de falta de notas nas caixas automáticas, a Emis ‘culpa’, por um lado, os bancos, pelos “atrasos na reposição de notas”, e, por outro, os clientes, pelos “levantamentos em massa que fazem, sobretudo aos fins-de-semana e fins de meses, quando são activados os salários”.

IMPACTO DOS MULTICAIXA

Lançado em 2002, a multicaixa é o nome da rede angolana de pagamentos por cartão que tem, por base, o compartilhamento interbancário de caixas automáticas e de terminais de pagamento automático em pontos de venda. Entre as suas várias funções e utilidade, o multicaixa “permite uma grande variedade de transacções sem que o cliente tenha que se deslocar fisicamente a um banco”, além de que as operações realizadas por via deste canal não têm custos associados.

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

**A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO
E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA**



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

Empresas & Negócios

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES PRESSIONA BNA

Autocarros sem dólares nem kwanzas, nem peças

ESCASSEZ DE DIVISAS. Empresas de transportes urbanos de Luanda enviaram listas das suas necessidades de importações ao Ministério dos Transportes para este intervir junto do Banco Nacional de Angola para disponibilização de divisas.

Por António Miguel

O Ministério dos Transportes pretende intervir junto do Banco Nacional de Angola (BNA) no sentido de este disponibilizar divisas para as empresas de transportes públicos rodoviários. Para a concretização da intenção, o Instituto Nacional dos Transportes Rodoviários solicitou às operadoras que enviassem uma lista, com a descrição das necessidades.

Como consequências da crise financeiras e escassez de dólares, as empresas de autocarros públicos debatem-se, desde 2014, com dificuldades de importação de peças sobresselentes e outros pagamentos a fornecedores externos. A medida do Ministério dos Transportes para acautelar a situação foi anunciada há um mês e várias operadoras já fizeram chegar as suas principais preocupações financeiras.

Por falta de assessorios, vários autocarros estão paralisados há mais de um ano. A TURA (Transportes Urbanos Rodoviários de Angola) tem 40 autocarros parados há vários meses. Estes autocarros são importados da China e a marca não tem concessionária em Angola, o que obriga a empresa

a fazer a importação dos assessorios num processo que leva entre quatro e seis meses. “As perdas geradas por cada dia de paralisação de um autocarro ascendem a 500 dólares por dia”, segundo o director da TURA, José Augusto.

A maior operadora de transportes terrestres de Angola, a Macon, está também a ressentir-se da escassez de divisas. A empresa precisa de mais de quatro milhões de dólares para concluir o pagamento de uma dívida, na ordem dos seis milhões de dólares, contraída há dois anos, para a compra de 135 autocarros, na China. A renovação da frota desta operadora, que actua em todo o território nacional, é feita anualmente, o que este ano não aconteceu por falta de divisas para a importação de meios rolantes.

A importação não é a única dificuldade de ordem financeira. Há cinco meses que o Governo não faz pagamentos da subvenção de bilhetes de passagem, um assunto deixado pelo recém-exonerado ministro das Finanças, Armando Manuel, e herdado agora pelo novo ministro, Archer Manguieira. Fontes ligadas a operadoras, avançaram ao VALOR que os atrasos dos subsídios constituem o ‘calcanhares de Aquiles’ das contas das empresas de transportes actualmente.

Greves e demais conflitos laborais, causados por atrasos salariais, são mais consequências dos atra-



Um autocarro parado pode representar perdas na ordem dos 500 dólares/dia para uma operadora.

MEMORIZE

- Até ao dia 5 de cada mês, as operadoras devem remeter os relatórios às autoridades, especificando o número de pessoas transportadas durante 30 dias.

40

Autocarros da Tura, por exemplo, estão à espera de peças sobresselentes.



DESDE OUTUBRO

Unitel chega à Irlanda

A Unitel, operadora de telefonia móvel, fez chegar à Irlanda, em Outubro, pela primeira vez o seu serviço roaming Camel, através de uma parceria com a operadora Vodafone.

Com este lançamento, a operadora volta a ampliar a sua cobertura no continente europeu, possibilitando que todos os clientes que se desloquem a este destino possam aceder a um serviço rápido e de qualidade. Segundo uma nota da Unitel, ainda em Outubro, a companhia angolana fez também chegar, pela primeira vez, o serviço de roaming GSM e GPRS às ilhas Bermudas, através de uma nova parceria com a operadora local Cell One.

O roaming da Unitel continua igualmente em expansão no continente africano, onde a operadora fechou um novo acordo com a Africell para fazer chegar o serviço roaming Camel à Serra Leoa. A expansão do serviço roaming, através do desenvolvimento de novas parcerias internacionais, continua a ser um dos grandes pilares estratégicos da Unitel.

dos do Estado nos pagamentos das subvenções dos bilhetes de passagem dos autocarros. O bilhete está estipulado a 90 kwanzas por viagem, sendo o passageiro responsável pelo pagamento de 30 kwanzas e o Estado pelo restante que deve ser ressarcido às empresas. Até ao dia 5 de cada mês, as operadoras devem remeter os relatórios às autoridades, especificando o número de pessoas transportadas durante 30 dias. E os valores dos subsídios devem ser pagos mensalmente pelo Tesouro Nacional. A capital tem cinco operadoras, Angoaustral, Ango Real, Macon, SGO, TURA e TCUL, sendo esta última a única empresa pública.



UMA FÁBRICA DE CALDO DE TOMATE, sumos e concentrados de leite foi inaugurada, no Waku-Kungo, Kwanza-Sul. A obra privada custou cerca de 35 milhões de dólares e vai empregar 50 pessoas.



O TRIBUNAL DE LUANDA adiou, para amanhã, o arranque das audiências do caso ENSCO. A petrolífera é acusada de despedir ilegalmente funcionários sindicalistas.

NEGÓCIO À PROCURA DE INVESTIMENTO

Cadeia Só Peso em 'queda livre'

CRISE FINANCEIRA. Pelo menos, dois restaurantes da marca Só Peso foram encerrados, em Luanda, na sequência de dificuldades financeiras, em que se encontra mergulhada a empresa, há pelo menos um ano.

Por António Miguel

O principal restaurante da marca Só Peso, localizado no Belas Shopping, em Luanda, fechou portas, há dois meses, por motivo de dívida. A empresa de restauração enfrenta dificuldades financeiras e, há vários meses, que não consegue pagar o aluguer do espaço que ocupa naquele centro comercial do Talatona.

O VALOR apurou que, como consequência do não pagamento da renda da 'loja', a administração do Belas Shopping impede que os donos do restaurante removam os equipamentos aí instalados até que a dívida seja amortizada. "Deixámos lá tudo. Fogões, grelhadores, mesas e cadeiras", contaram interlocutores afectos ao restaurante, avançando que, "no espaço em causa, está já a funcionar uma outra empresa".

Ao que parece, e de acordo com as nossas fontes, não deverá ser tão cedo que os gestores da Só Peso deverão liquidar a dívida, tendo em conta que, em Junho, um outro

A restauração é dos sectores que mais foram abalados pela crise financeira



MEMORIZE

● **Só Peso** é a denominação de uma cadeia de restaurantes de Portugal, fundada em 1997. A marca chegou em Angola pelas mãos do general Mário Cirilo de Sá 'Ita', falecido em Maio, em Luanda.

restaurante da cadeia foi encerrado, em Viana, pelo mesmo motivo. O espaço de Viana também já se encontra ocupado por um outro inclino. Não foi possível apurar o volume da dívida.

Até antes do encerramento das dependências de Viana e Belas Shopping, o grupo Só Peso, contava com cinco restaurantes. A resistir à crise financeira estão os Só Peso, da Academia BAI, localizado no

Morro Bento, do Shopping Xiami, na Avenida Pedro de Castro Van-Dúnem 'Loy' e do Codem (complexo desportivo do Primeiro de Agosto). Este último, segundo as fontes, tem 'a renda da casa' paga até ao primeiro trimestre de 2017.

No entanto, de dívidas não é tudo. Os trabalhadores não recebem salários, há seis meses, o que ilustra como a marca vem perdendo peso, por razões de crise financeira. Aliás, muitos dos trabalhadores encontram-se em casa, como resultado do encerramento dos dois referidos restaurantes. A nível da Administração Geral Tributária, o Só Peso tem também contas por resolver, segundo os nossos interlocutores.

Não foi possível apurar o número global de funcionários, nem dos que se encontram em

casa, mas sabe-se que a direcção já realizou encontros com o colectivo para dar informações sobre o estado da situação.

Todas as tentativas, para ouvir a direcção do Só Peso, foram goradas, no entanto há informações que dão conta de que a empresa está à procura de financiamento junto do banco para 'salvar o negócio'.

Em 2012, o Só Peso, de Portugal, que tinha 19 restaurantes, esteve à beira da falência por enfrentar problemas financeiros. A empresa encerrou, naquela altura, 12 dos seus restaurantes e tinha uma dívida a volta de 15 milhões de dólares, com fornecedores e trabalhadores. Nesta altura, o capital angolano salvou a rede.

O sector da restauração, em Angola, é dos que mais foram abalados pela crise do preço do petróleo.

APESAR DA DESISTÊNCIA DA SONANGOL

Cobalt diz haver interessados para compra do bloco 20

A petrolífera norte-americana Cobalt garante haver interesse de outras companhias na aquisição da participação de 40% que detém em dois blocos de produção de petróleo no 'offshore' nacional, no entanto afirma que o negócio continua por realizar, depois da recusa da Sonangol.

Em causa, estão os blocos 20/11 e 21/09, ao largo de Luanda, cuja participação a Cobalt International diz estar "activamente" a tentar vender. "A companhia está agradada com o nível de interesse da indús-

tria nestes ricos activos líquidos", indica a petrolífera, em comunicado, citado pela Lusa.

A venda foi anunciada em Agosto de 2015 e a sua aquisição, por parte da Sonangol, implicaria um investimento de 1.750 milhões de dólares.

O negócio nunca se concretizou, por falta de aval do Governo angolano e culminou, no final de Julho último, com a presidente do conselho de administração da Sonangol, Isabel dos Santos, a confirmar que a venda dos activos ficaria para uma "terceira parte", no processo de reestruturação em curso no sector petrolífero devido à crise.

A Cobalt detém uma participação maioritária de 40% no bloco 20/11, face aos actuais 30% da Sonangol e outros 30% da BP, enquanto no bloco 21/09 a empresa pública angolana detém 60% e a petrolífera norte-americana 40%.

A Cobalt anunciou anteriormente, já este ano, uma "descoberta significativa" de condensados e gás natural no poço de exploração Zalophus #1, no bloco 20, a sexta no pré-sal angolano, referindo ainda que decorrem perfurações no poço Golfinho #1, cujos primeiros resultados apontam potencial para a existência de mais condensados e gás natural.

(In)formalizando

SEMANA MUNDIAL DO EMPREENDEDOR

Falta de legislação inviabiliza pequenos negócios em Angola

EMPREENDEDORISMO. Falta de legislação adequada e políticas desajustadas à realidade nacional, excessiva burocracia no acesso ao crédito e ausência de garantias bancárias são factores que inviabilizam oportunidades de negócios em Angola.

Por Mário Costa



O país acolhe, pela primeira vez, de 14 a 19 do corrente mês, a semana global do empreendedorismo, um movimento criado em 2007, visando o fortalecimento e disseminação da cultura empreendedora, para além de pretender capacitar e inspirar homens e mulheres a empreender em qualquer sector de actividade.

Sob o lema 'O Empreendedorismo Acelera Angola', o evento vai centrar-se em cinco eixos, nomeadamente juventude, educação, saúde, sector produtivo, tecnologia e inovação, uma abordagem, segundo a organização, que pretende criar um ambiente interactivo entre os diferentes 'players' do mercado.

As opiniões entre analistas, operadores económicos e as autoridades nacionais sobre os indicadores do empreendedorismo, em Angola, têm estado repartidas. Se por um lado, está em causa a excessiva burocracia no acesso ao crédito, por outro, os agentes bancários reclamam a falta de garantias, sem, no entanto, descuidar o optimismo das autoridades, apesar das críticas sobre a falta de apoio directo às iniciativas de pequenos negócios.

Segundo José Carlos, membro

José Carlos, membro da organização do evento.



Santos Samuessa © VE

da organização do evento, o empreendedorismo tem um papel crucial no desenvolvimento sustentável de qualquer sociedade, incentiva mudanças na forma de pensar a realidade económica por via do fomento de inovação, competitividade e melhoria da produtividade das empresas.

Aponta ainda que este é um dos objectivos da realização do

O perfil do empreendedor guia-se pela oportunidade e necessidade de desenvolver alguma actividade.



Manuel Tomás © VE

MEMORIZE

● **Mais de 160 países** celebram actualmente a semana global do empreendedorismo. Em 2015, 10 milhões de pessoas participaram do evento em todo o mundo. A edição deste ano será realizada pela primeira vez em Angola.

evento, em Angola, tendo garantido a continuidade dos trabalhos junto das comunidades, no sentido de despertar, nos angolanos, "o espírito empreendedor."

Relativamente à realidade do país, José Carlos avança que, neste primeiro encontro mundial que Angola acolherá, vão congregarem-se diferentes sensibilidades para discutir as formas de fazer negó-

cios no país e exportar os produtos de marca angolana.

"Neste encontro, trataremos questões ligadas à juventude, educação, saúde, sector produtivo, tecnologia e inovação. O objectivo é criar uma estrutura que sirva os interesses dos empreendedores e daqueles que já têm a sua actividade empresarial consolidada", enfatiza.

Entende, por outro lado, que

“A criação de mais incubadoras de empresas pode ser uma saída no apoio às iniciativas privadas.”

apesar de alguns entraves que muitos empreendedores enfrentam na realização das suas iniciativas, relativamente à legislação, burocracia nos créditos bancários e capitais de riscos, “o Executivo colocou no topo das suas prioridades, a necessidade de uma estruturada formação de quadros, que contribuam para o desenvolvimento sustentado do país de modo a que o empreendedor possa acompanhar regularmente as exigências de um mundo cada vez mais globalizado.

O empresário diz que o movimento acredita na causa do empreendedor, pressuposto que gera desenvolvimento económico e social e que transforma as realidades através de pequenas iniciativas empresariais e de negócios.

Apesar de ser um movimento que surge no país há quase 10 anos, justifica, a sua incidência ainda é quase nula “por existem

ainda factores ou entraves que inviabilizam iniciativas e projectos, com destaque para as políticas governamentais”.

“Temos programas já elaborados, a nível do Estado, que não contribuem para dinamizar as iniciativas empresariais. Por isso, estamos abertos para discutir as medidas a adoptar para permitir o desenvolvimento empresarial em Angola. Vamos contar com os exemplos da SADC, nomeadamente do Botswana e da África do Sul”, diz.

INCUBADORAS PODEM AJUDAR

José Carlos entende que a criação de mais incubadoras de empresas pode ser uma saída no apoio às iniciativas privadas, porque “não pode ser o Estado a oferecer serviços para o acompanhamento das micro, pequenas e médias empresas em Angola”.

23%

as famílias, em Luanda, têm actividade rentável, segundo dados do INE.

14

de Novembro, data em que decorre a primeira semana global do empreendedorismo.

“A realidade diz-nos que as políticas adoptadas para o apoio aos empreendedores ainda não respondem às necessidades do mercado. O que estamos a fazer é partilhar com as pessoas que tiveram sucesso e tentar incentivar os angolanos. A nova lei do investimento privado não protege os pequenos negócios”, afirma o empresário.

Reprova, por outro lado, a constante intervenção do Estado no desenvolvimento da actividade produtiva no país e refere que é fundamental potenciar as entidades privadas para que tenham um papel mais interventivo no mercado.

Emília Dias, sócia-gerente do ABC do Empreendedor, afirma que apesar de existirem algumas iniciativas, por parte do Estado, para o fomento da actividade como são os casos do Balcão Único do Empreendedor, o An-

gola Investe, entre outros, “a publicitação destas iniciativas não abrangeu o universo de pessoas desejadas”.

“Se a intenção do Executivo é proporcionar oportunidades sustentáveis que visam combater a pobreza e as desigualdades sociais que inviabilizam o desenvolvimento das comunidades, então está aí a oportunidade de discutirmos como desenvolver a actividade empresarial nos mais variados sectores de actividade”, explica.

Actualmente, o perfil do empreendedor guia-se pela oportunidade e necessidade de desenvolver alguma actividade e a grande motivação é o aumento dos rendimentos e a continuação dos negócios.

Dados do Instituto Nacional de Estatísticas (INE) apontam que 23% das famílias, em Luanda, têm actividade rentável e que existem mais mulheres que homens empreendedores.

PUB



INVISTA NO FUTURO COM QUEM SABE.

FUNDOS DE PENSÕES NOSSA

A NOSSA Seguros integra um dos maiores grupos financeiros Angolanos e conta com especialistas na gestão de fundos. Saiba mais sobre as nossas soluções de Fundos de Pensões e garanta a máxima protecção, segurança e satisfação dos seus colaboradores.



apostamos na rentabilidade

Saiba mais em www.nossaseguros.ao ou contacte-nos através do 930 924 448.



NOSSA
SEGUROS

DE JURE

CONTRIBUIÇÃO ESPECIAL ERA DE 0,1%

Lei proíbe cobrança de taxa sobre operações de débito

BANCA. Proposta de lei do OGE para 2017 revoga decreto legislativo presidencial, de 24 de Fevereiro, que aprovou regime jurídico desta “contribuição especial”.

Por Redacção

Os bancos comerciais nacionais deverão deixar de cobrar a taxa de 0,1% sobre operações bancárias de débito, prevista no actual Orçamento Geral do Estado (OGE), mas que desaparece da proposta para 2017, em análise na Assembleia Nacional.

De acordo com a Lusa, o artigo 19 da proposta de lei do OGE para 2017 revoga o decreto legislativo presidencial, de 24 de Fevereiro,

que aprovou o regime jurídico desta “contribuição especial”.

A Contribuição Especial Sobre Operações Bancárias estava prevista no OGE de 2016, mas a sua cobrança só entrou em vigor a 01 de Julho último, após a publicação do decreto presidencial que regulamentou a sua aplicação - agora revogado -, desconhecendo-se qualquer intenção de o Governo avançar com outro modelo no próximo ano.

Nos documentos de suporte à proposta do OGE para 2017, segundo a Lusa, não é avançada qualquer explicação para esta revogação.

O imposto envolve a aplicação de uma taxa de 0,1% “sobre todos os débitos em contas de depósito à ordem”, com excepção do

pagamento de salários, pensões, impostos e contribuições para a Segurança Social, além de algumas operações cambiais.

A medida afectou até agora operações bancárias de clientes individuais, colectivos e empresas públicas, exceptuando-se apenas serviços, estabelecimentos e organismos do Estado.

“A desaceleração económica registada em sede dos principais indicadores macroeconómicos do país, registada no decurso da execução orçamental de 2015, poderá continuar a impor uma considerável pressão sobre as fontes de receitas do Estado em 2016”, reconhece o decreto, citado pela Lusa, que regulamenta esta contribuição, de 24 de Fevereiro.



Virgílio Marques de Faria, embaixador angolano na Nigéria

POR INCUMPRIMENTO SALARIAL

Embaixador angolano no Quénia pode responder em tribunal

Alguns trabalhadores da embaixada de Angola em Nairobi, capital do Quénia, ameaçam levar a tribunal o embaixador Virgílio Marques de Faria, a quem acusam de se recusar a recebê-los para discutirem o pagamento de cinco meses de salários em atraso, “enquanto leva uma vida de luxo”.

Segundo o jornal queniano ‘Daily Nation’, são cerca de 30 trabalhadores envolvidos na acção. Os funcionários alegam que o diplomata leva uma ‘vida de rico’, num dos hotéis mais caros de Nairobi, apesar de não pagar aos funcionários quenianos. O jornal diário queniano acrescenta que também há quadros angolanos com salários em atraso.

A situação de incumprimento terá já levado os quenianos a dirigir uma carta ao embaixador Marques de Faria, datada de 30 de Outubro,

em que apelam à regularização salarial, sensibilizando o diplomata para as dificuldades que têm atravessado, nomeadamente para suportar os gastos com alimentação, renda e educação.

Na missiva, os funcionários recordam uma reunião que tiveram com o embaixador no início de Setembro, na qual receberam a garantia de que o problema seria resolvido no princípio de Outubro.

“Infelizmente, os contínuos atrasos arrastaram-se até ao final de Outubro sem qualquer tipo de explicação”, lê-se na mensagem dos trabalhadores que, no entanto, indica que apenas um dos salários em atraso foi pago.

Confrontado pelo “Daily Nation” com este cenário, o embaixador, segundo cita a publicação, declarou não ter explicações a dar. “Porque estão preocupados com o que se passa cá dentro [da embaixada]? Vocês não são meus funcionários”, rebateu o diplomata.

ANGOLA SENTE



O Registo Eleitoral é obrigatório



Eu cumpro o meu dever
de cidadão. E tu?

**Actualiza o teu registo
junto a uma Brigada
de Registo Eleitoral.**

**Leva contigo o teu
Cartão de Eleitor e o teu BI.**

**Se não tiveres BI, leva só
o teu Cartão de Eleitor.**

COCA-COLA: A ESTRATÉGIA DA PUBLICIDADE E A GESTÃO OUSADA

A marca mais valiosa do mundo

BEBIDAS. De um simples medicamento, transformou-se na marca mais valiosa e mais conhecida do mundo. A Coca-Cola existe, porque existe publicidade agressiva e imaginativa. É graças a ela que se celebra o Natal com um velhinho vestido de branco e vermelho. Começou o sucesso graças a uma estratégia inovadora de distribuição.

Por Emídio Fernando

Durante o regime fascista português, a venda da Coca-Cola foi proibida em Portugal, na altura chamado a 'Metrópole', mas circulava nas colónias africanas, entre elas, Angola. Esta 'intervenção' política faz parte do ADN do refrigerante que se tornou um símbolo do capitalismo norte-americano, amado e odiado, graças às sucessivas estratégias de publicidade. Criou mitos, ajudou que eles se propagassem, formando uma aura sobre a marca. Durante décadas, esteve proibida nos países socialistas do Leste da Europa, no entanto, era vendida em mercados informais. Nas guerras, sobretudo em países mais quentes, é um dos produtos mais cobiçados e que origina o pequeno tráfico.

Em Portugal, antes de ser impedida, a marca recorreu ao poeta mais profícuo da língua portuguesa para criar um 'slogan'. Fernando Pessoa criou assim, em 1928, a frase "primeiro estranha-se, depois entranha-se".

Nessa altura, já a Coca-Cola se tinha tornado na maior consumidora

de açúcar do mundo e há muito que tinha ultrapassado as fronteiras dos Estados Unidos.

Tudo começou numa farmácia. Um simples xarope, criado para ser misturado com água, tornou-se numa bebida, que deveria ser ingerida fresca. O xarope, um estimulante açucarado para os nervos e cérebro, foi inventado pelo farmacêutico John Pemberton, mas a ideia de fazer do medicamento um negócio partiu de Asa Grigs Candler, um banqueiro magnata. Antes outro farmacêutico, Frank Robinson comprou a patente por 1.700 dólares e, com a própria letra, criou o primeiro símbolo, com o traço que se tornou icónico. Dois anos antes, como medicamento, feito à base de folhas de coca, vendia apenas cerca de 10 litros por mês, rendendo pouco mais de três dólares mensais. O que obrigou Robinson a revender a marca e a patente por 2.300 dólares a Asa Candler, que a transformou num produto industrial à escala mundial.

Asa Candler percebeu que a bebida poderia disfarçar a proibição de venda de álcool que vigorava na altura. Tirou o produto da farmácia, desafiou vizinhos e amigos a engarrafá-la e a vender na rua, nos quintais ou mesmo em superfi-

200

Número de países onde é possível encontrar Coca-Cola

50

Dólares, rendimento da Coca-Cola no primeiro ano de fabrico

cies comerciais. A estratégia deu logo frutos. Nasceram centenas de pequenas 'fábricas'. Asa Candler registou a marca em 1893. Um ano depois,

começou a ser vendida em garrafas com rótulos e, mais tarde, saltou as fronteiras dos EUA, chegando ao Canadá e México. Em 1909, já havia mais de 200 pequenas fábricas de engarrafamento e, 10 anos depois, a marca era vendida por 25 milhões de dólares. A partir daí, com as exceções das crises provocadas pelas duas guerras mundiais, a Coca-Cola nunca mais parou de crescer.

Hoje está presente em 200 países, incluindo Angola, patrocina programas e séries de televisão, filmes, as maiores competições desportivas mundiais, desfiles e sobretudo grandes concertos, além de ser 'sponsor' de artistas.

A estratégia expansionista foi sempre acompanhada por imaginativas e agressivas campanhas de 'marketing'. A primeira delas foi alimentar o mito de que a sua fórmula tem um ingrediente secreto, cuja receita está fechada num cofre e reservada a um número restrito de pessoas. No entanto, em quase todo o mundo, há centenas e fábricas que imitam a Coca-Cola.

A outra campanha, de maior sucesso, é a do Pai Natal. Sendo um produto fresco, para ser consumido no Verão, a Coca-Cola ultrapassou as fracas vendas no Inverno inventando a figura do velho, de barbas brancas e vestido de fato verme-

lho e branco, que transporta presentes. Nascia a figura do Pai Natal que é um símbolo da época no mundo ocidental.

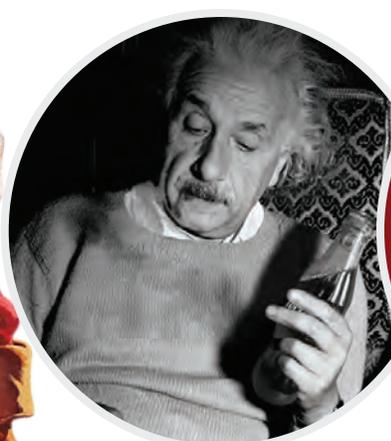
Outra campanha passou por divulgar que um dos modelos da garrafa foi inspirado no corpo da actriz Greta Garbo.

Muitos músicos, pagos ou não, já incluíram a Coca-Cola, ou simplesmente a Cola, em canções, como são exemplos os 'Beatles', 'Bee Gees', Júlio Iglésias, David Bowie, Elton John e Elvis Presley, entre outros.

Uma das coroas de glória foi o patrocínio de voos da NASA para o espaço, entre 1968 a 1073. Num das viagens da 'Apollo', um dos astronautas leva uma lata de Coca-Cola na mão.

Além de ser um gestor estratega e visionário, Asa Candler destacou-se pela responsabilidade social. Doou milhões de dólares à Igreja Metodista, liderada pelo irmão, criou uma universidade e um hospital, ambos geridos por bispos metodistas. Ligou-se à política, sendo eleito presidente de câmara (administrador municipal) de Atlanta, a cidade-sede da Coca-Cola. Chegou a doar todas as acções da empresa aos filhos que depois venderam-nas por 25 milhões de dólares.

A Coca-Cola é considerada a marca mais valiosa do mundo. Foi usada como símbolo da vitória dos Aliados sobre a Alemanha.



Última oportunidade para 'Made in Africa'



MOONO MUPOTOLA

Sempre que comprar um par de jeans num centro comercial norte-americano, verifique o rótulo. Se é, por exemplo, do Lesoto – um pequeno país montanhoso cercado pela África do Sul, com uma população de cerca de dois milhões de habitantes – provavelmente tem de agradecer ao African Growth and Opportunity Act (AGOA) – Lei de Crescimento e Oportunidades para África.

O AGOA, que foi implementado em 2000, permite que mais de 6.400 produtos de países da África subsaariana entrem no mercado dos Estados Unidos com uma isenção de impostos. De acordo com a Estratégia Nacional de AGOA do Lesoto, as exportações anuais de vestuário para os EUA aumentaram em cerca de 129 milhões de dólares, em 2001, para os 330 milhões de dólares em 2015, representando 80% da procura externa total para os têxteis e vestuário do país. Com 44 mil funcionários, a indústria de vestuário do Lesoto é agora o maior empregador do sector privado no país.

O AGOA apoiou também outras histórias de sucesso 'Made in Africa'. Há quem possa reclamar que o AGOA favorece os produtos petrolíferos, mas os números falam por si. De acordo com o relatório do AGOA de 2016, divulgado pelo Representante Comercial dos EUA, as exportações não-petrolíferas para os EUA, sob o domínio do AGOA, quase triplicaram, 1,4 mil milhões de dólares em 2001 para 4,1 mil milhões de dólares em 2015. Veículos da África do Sul e vestuário do Quênia, Lesoto, Maurícias e Suazilândia foram os principais produtos exportados.

O AGOA também tem sido criticado por excluir alguns produtos agrícolas, nos quais os africanos têm uma vantagem comparativa. Os produtos não excluídos enfrentam com-

plexas regulamentações de saúde e segurança, dificultando ainda mais a capacidade dos africanos de exportar produtos agrícolas para os EUA. Mas os países africanos ousados e prontos para exportar conseguiram superar esses obstáculos. A Namíbia, por exemplo, tornou-se recentemente o primeiro país africano a obter a elegibilidade para exportar produtos de carne crua desossada (não moída) para os EUA.

Não há dúvida de que o AGOA criou importantes oportunidades para os países envolvidos. Mas isso não vai durar para sempre. Tendo sido prorrogado, o ano passado, por mais uma década, está agora previsto continuar em vigor até 2025. Por outras palavras, os países têm apenas nove anos para garantirem que as indústrias que cresceram, sob o domínio do AGOA, não só sobrevivam, mas que continuem a suportar os milhares de empregos que foram criados e que continuam a crescer.

Dado que a África representa apenas 1% do mercado de têxteis e vestuário de toda a América no valor de 350 mil milhões, há muito espaço para expansão. Mas a concorrência será feroz. Se os EUA finalmente ratificarem o acordo comercial da Trans-Pacific Partnership, países como o Vietname podem prejudicar seriamente a presença de África no mercado norte-americano de têxteis e vestuário.

A chave para o sucesso para os países africanos passa por fortalecer as competências e construir indústrias competitivas. Um país que poderia emergir, como um 'jogador-chave', é a Etiópia que, pela primeira vez, foi nomeado como um possível destino de abastecimento global, numa pesquisa efectuada em 2015 pela consultora McKinsey, que consultou 40 executivos, directores gerais de compras. O desafio para a Etiópia - e para outros países africanos - é elevar esse 'status' saltando da opção para ser prioridade de negócios.



©/E

Para isso, os países devem aproveitar os valiosos ensinamentos do AGOA para estimular o crescimento das indústrias de exportação e conquistar a sua quota de mercado, não apenas nos EUA, mas também noutras economias, incluindo na própria África. De facto, o AGOA ajudou a melhorar o comércio intra-africano, permitindo aos produtores de diferentes países criar novas cadeias de valor transfronteiriças que beneficiam a todos. O Botswana, por exemplo, exporta couro para a África do Sul, onde é transformado em estofo para carros de luxo e exportado para os EUA.

O Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) também tem um papel a desempenhar, particularmente no desenvolvimento das infra-estruturas. Ao promover a integração regional, a melhoria da infra-estrutura pode provocar um progresso no comércio e no apoio ao desenvolvimento. Aqui, a estratégia de industrializar África, abraçada pelo BAD, que enfatiza as cadeias regionais, será particularmente valiosa, pois reconhece as oportunidades que as indústrias de um determinado país podem proporcionar às economias vizinhas.

Ao mesmo tempo, o BAD deve continuar a trabalhar para ajudar

a satisfazer a procura de financiamento focalizando-se nas pequenas e médias empresas (PME) orientadas para a exportação. Vários passos importantes já foram feitos. O Programa de Financiamento do Comércio do BAD, criado em Fevereiro de 2013, apoiou, até agora, mais de 85 bancos nacionais em 27 países africanos, canalizando aproximadamente 3,4 biliões de dólares em sectores vitais como a agricultura, manufactura e construção e energia. Mais de 60% das transacções envolviam as PME.

No último fórum ministerial do AGOA, os ministros africanos do Comércio reconheceram a "necessidade urgente" de planear com antecedência, comprometendo-se a delinear estratégias para criar fortes relações comerciais e de investimento entre os EUA e a África, para além de 2025. Este é um bom começo. Mas o relógio não pára e os privilegiados do AGOA de África serão eliminados em breve. Temos de estar prontos.

directora do Departamento de Integração e Comércio Regional da NEPAD (Nova Parceria para o Desenvolvimento de África), no Banco Africano de Desenvolvimento.

A chave para o sucesso para os países africanos passa por fortalecer as competências e construir indústrias competitivas. Um país que poderia emergir, como um 'jogador-chave', é a Etiópia que, pela primeira vez, foi nomeado como um possível destino de abastecimento global.

Internacional

HILLARY CLINTON E DONALD TRUMP PERANTE A DECISÃO DAS URNAS

Dois candidatos, dois pensamentos

POLÍTICA. É já amanhã que a maior potência do mundo decide quem vai ser presidente, entre o republicano Donald Trump e a democrata Hillary Clinton. Além das polémicas e das picardias da campanha eleitoral, há muito mais a separar os dois candidatos. Especialmente na economia, na política externa e na política de migração.

Por Emídio Fernando



Candidato republicano,
Donald Trump.

PERFIS

Donald Trump gaba-se repetidamente de ser um empresário de enorme sucesso, que começou a fortuna com um “empréstimo de um milhão de dólares” herdado do pai. É dono de uma enorme cadeia de hotéis, casinos, campos de golfe, de vários projectos imobiliários e detém os direitos dos concursos de miss EUA e miss Universo. Há mais de 30 anos que planeou entrar na política, mas sempre quis ser candidato à presidência. Foi apresentador de um ‘reality show’ e é casado com uma ex-modelo eslovena. Aos 69 anos, tem quatro filhos, três dos antigos casamentos.

Hillary Clinton notabilizou-se por ser mulher do antigo presidente Bill Clinton, é advogada de formação, destacou-se na defesa dos direitos humanos, foi senadora em Nova Iorque, candidata derrotada às eleições de 2008, secretária de Estado de Barack Obama e lidera a Fundação Clinton. Aos 68 anos, tem uma filha e pode ser a primeira mulher a ocupar a mítica Casa Branca.

ECONOMIA

Donald Trump prometeu, durante toda a campanha, em aumentar o emprego e combater as importações chinesas. Ameaça expulsar os emigrantes ilegais, sem apelo nem agravo, e garante querer recuperar as indústrias que foram parar para a China e o México. Entre elas, até lançou um aviso à Apple para fabricar nos EUA. Tem avisado as empresas norte-americanas que vai penalizar severamente quem deixar o país à procura de mão-de-obra mais barata. Mas são os impostos que provocaram grande confusão na campanha. Trump já defendeu o aumento de taxas para os mais ricos e a diminuição para os mais pobres. Depois recuou, limitando-se a prometer simplificar e reduzir os encargos às empresas e cortar os gastos públicos, em especial, na Educação.

Hillary Clinton propõe benefícios fiscais para famílias endividadas, de forma a saldarem as dívidas, investimentos estatais fortes em infra-estruturas e aposta nas pesquisas científicas e médicas. Garante ainda que vai reduzir a burocracia para os pequenos negócios, aumentar o salário mínimo e equilibra os salários entre homens e mulheres, além de propor vários benefícios a quem investir na Educação e na formação profissional.



Candidata democrata,
Hillary Clinton

POLÍTICA EXTERNA

Donald Trump tem defendido que os EUA estão “sempre em primeiro lugar”, mesmo que tenha de “sacrificar os interesses dos aliados”. Aliás critica-os por “estarem dependentes dos financiamentos norte-americanos”, em especial, na área da defesa. Apesar disso, defende a modernização do arsenal nuclear e pretende ampliar o poderio militar norte-americano. No entanto, defende uma “convivência pacífica” com a China e a Rússia e promete travar, “à força”, o islamismo muçulmano. Não fala das relações com África, mas afirmou que os EUA “não vão cair mais na falsa cantiga da globalização”.

Hillary Clinton bate-se por aquilo que chama “restaurar a liderança mundial dos EUA” e promete que “defender os valores norte-americanos e manter o país seguro”. Tem insistido em manter um “corpo militar de ponta” e “fortalecer alianças”, ao mesmo tempo que propõe “cultivar novas parcerias e enfrentar agressores”. Derrotar o Estado Islâmico faz parte também do programa da candidatura assim como fazer cumprir o acordo nuclear com o Irão. A democrata tem apelado ao fim da tortura e da intolerância e garante que “o medo não vai irá ditar” a sua política externa, promete fazer frente ao presidente russo Vladimir Putin.

IMIGRAÇÃO

É a maior bandeira de Donald Trump e a que tem provocado maior polémica. A primeira é a proposta de construir um muro ao longo da fronteira com o México para travar a entrada de emigrantes da América Latina. Ameaça ainda com sanções e cobranças de dívidas aos países que não impeçam o movimento de migrantes. Por fim, quer expulsar todos os ilegais e acabar com os vistos temporários de trabalho, para quadros especializados. Promete obrigar as empresas a empregar apenas norte-americanos e não que os EUA recebam pessoas vindas de países de maioria muçulmana.

Hillary Clinton propõe-se criar uma “abrangente reforma imigratória”. Defende programas que promovam a integração e a naturalização de imigrantes, apostando na regularização dos trabalhadores ilegais. Quer ainda acabar com os centros privados de detenção de imigrantes ilegais. Defende também o fim das detenções familiares e a separação de pais e filhos promovidas actualmente pela legislação norte-americana sobre migração.

O BANCO DE CABO VERDE (BCV) reviu em alta as projecções de crescimento da economia para este ano, perspetivando para 2016 e 2017 um crescimento real do Produto Interno Bruto (PIB) entre 3 a 4%.



A SUÉCIA vai doar seis milhões de dólares para apoiar as vítimas da seca que afecta as regiões centro e sul de Moçambique. O apoio está a ser canalizado através do consórcio humanitário COSACA.



GUINÉ-EQUATORIAL

Filho do presidente investigado na Suíça



Ministério Público de Genebra abriu um inquérito por lavagem de dinheiro contra o filho do presidente da Guiné-Equatorial, Teodorin Obiang, e confiscado-lhe 11 automóveis de luxo.

Teodorin Obiang, 47 anos, nomeado em Junho vice-presidente pelo pai, Teodoro Obiang Nguema, é alvo em França de um processo judicial por desvio de fundos públicos e corrupção, com julgamento marcado para 2 de Janeiro, e, nos EUA, viu serem-lhe confiscados bens no valor de quase 33 milhões de dólares em 2014..

Segundo o 'site' de notícias suíço L'Hebdo, entre os automóveis apreendidos a Obiang figura um Porsche 918 Spyder, avaliado em cerca de 900 mil dólares, um Bugatti Veyron, de valor superior a dois milhões de dólares, e um Koenigsegg One, um 'supercarro' sueco que pode atingir os cinco milhões de dólares

Segundo informações avançadas pela Justiça norte-americana quando

da apreensão de bens de 2014, Teodorin Obiang, que na altura tinha uma mansão em Malibu, na Califórnia, recebia um salário oficial de cerca de mas de 120 mil dólares, mas já tinha uma fortuna superior a 280 milhões de dólares.

Teodoro Obiang Nguema, o pai, tomou o poder na Guiné-Equatorial em 1979 e é actualmente o governante africano há mais tempo no poder.

VENEZUELA

Maduro enfrenta "guerra"

Presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, considera que Venezuela está a ser "vítima de uma guerra e de uma perseguição financeira" de empresas de notação financeira ('rating'), "comandadas pelos EUA". "Em três anos pagámos 60.375 milhões de dólares em compromissos internacionais e o risco do país é cada vez mais alto. Cada vez que pagamos, as classificados de risco que respondem ao mandado político do Departamento do Tesouro dos EUA e de Washington, sobem (o nível de risco)", justificou, num discurso ao país, via televisão.

"O governo norte-americano, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Ricardo Hausman (director do Centro para o Desen-

volvimento Internacional da Universidade de Harvard e professor de Prática de Desenvolvimento Económico da da Harvard Kennedy School of Government) atacam o país", disse.

Segundo Nicolás Maduro, estes organismos internacionais pensavam que a Venezuela não cumpriria com os pagamentos e que a oposição "iria acabar com o Presidente Maduro". No seu entender, o valor pago pela Venezuela "é uma percentagem altíssima do PIB" pelo que o país "tem solvência financeira, política e moral", mas "as criminosas classificadoras de risco aumentam o risco país para que não acedamos ao crédito natural a que temos direito".

Por outro lado, venceu que, se a oposição estivesse a presidir a Venezuela, teria "entregue o país ao FMI, privatizando tudo e ter-se-ia entregue a especuladores imobiliários".



Nicolás Maduro, presidente da Venezuela



NA DITADURA BRASILEIRA

VW analisa passado

grupo automóvel alemão Volkswagen escolheu um historiador independente para analisar o papel da empresa durante a ditadura brasileira, depois de ter sido acusado de colaborar com o regime militar. "Queremos que se faça luz sobre o período sombrio da ditadura militar e o comportamento dos responsáveis da época no Brasil e possivelmente também na Alemanha", declarou, em comunicado, a diretora do departamento jurídico do grupo, Christine Hohmann-Dennhardt.

A direção escolheu o historiador independente Christopher Kopper, professor na Universidade alemã de Bielefeld, para a tarefa.

"Vamos determinar o papel da empresa durante a ditadura militar no Brasil com a perseverança e coerência necessárias, da mesma forma que o fizemos de forma precoce e exaustiva em assuntos como o passado nazi e recurso ao trabalho forçado", afirmou Hohmann-Dennhardt.

Antigos trabalhadores e activistas apresentaram, em Setembro de 2015, uma queixa no Brasil na qual acusam a Volkswagen de ter permitido perseguições e a tortura de trabalhadores que se opunham ao regime militar (1964-85).

Segundo a acusação, 12 trabalhadores foram detidos e torturados na altura na fábrica da Volkswagen de São Bernardo do Campo, nos arredores de São Paulo. A empresa é ainda acusada de ter elaborado 'listas negras' de opositores à ditadura.

UE - MERCOSUL

Acordo "complexo"

As negociações para um acordo de livre comércio entre a UE e o Mercosul são "complexas", mas o acordo pode "dar um impulso à economia dos dois blocos", defendeu o diretor-geral da OMC, Roberto Azevedo, em entrevista à Lusa.

Em Setembro, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, José Serra, afirmou que o acordo de livre comércio entre o Mercado Comum do Sul (Mercosul) e a União Europeia deve ser finalizado dentro de dois anos. Declarou, na altura, que os países do Mercosul estão dispostos a levar as negociações adiante, mas ainda há resistências proteccionistas por parte de alguns países europeus. "Espanha, Itália, Portugal, Suécia estão amplamente a favor e eu confio que consigam maioria para poder acelerar o processo".

Há outros acordos comerciais em fase de negociação como é o caso do contestado Acordo de Livre Comércio entre a União Europeia e o Canadá (conhecido como CETA).

Ambiente



As poluições atmosférica e do ar estão directamente relacionadas com doenças como a pneumonia.

ALERTA A UNICEF

Milhões de crianças em risco

POLUIÇÃO. O mundo respira um ar seis vezes mais poluído do que seria normal. Por isso, os níveis de mortes provocadas pela poluição começam a ser comparados aos números da malária e da sida.

Um estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF, divulgado na semana passada, alerta que cerca de 300 milhões de crianças em todo o mundo respiram um ar com níveis de poluição seis vezes superior aos limites recomendados internacionalmente. O relatório acentua que o ar é tão poluído que podem causar danos físicos, incluindo no cérebro em desenvolvimento.

O director-executivo da UNICEF, Anthony Lake, afirmou que a poluição do ar “é um dos principais factores que contribuem para a morte anual de cerca de 600 mil crianças menores de cinco anos – e uma ameaça para a vida e o futuro de milhões de crianças”.

No prefácio do relatório, Anthony Lake sublinha que são mais as mortes de crianças todos os anos devido à poluição atmosférica do que os números combinados das mortes de crianças devido à sida e à malária. Estas mortes representam um custo de

0,3% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e está a agravar-se.

Os pulmões das crianças estão ainda a desenvolver-se, tal como o sistema imunitário, em especial quando são mais jovens. Por isso, a poluição atmosférica tem efeitos especialmente maus e duradouros. Alguns estudos da UNICEF mostram que a capacidade respiratória dos pulmões de crianças que viveram em ambientes poluídos ficou reduzida em 20%. Além disso, são famílias pobres, que têm pouco acesso a cuidados de saúde e alimentação adequada, que mais estão sujeitas a estas más condições ambientais, o que agrava a situação.

Uma em cada seis mortes de crianças, com menos de cinco anos em 2015, deveu-se a pneumonia, uma doença em que em metade dos casos é causada pela poluição ambiental. Quer dizer que mais de 920 mil mortes se deveram à poluição.

A UNICEF publicou este estudo uma semana antes do início da conferência da ONU sobre o clima, a COP22, que se realizou de Marraquexe, Marrocos, que começa esta segunda-feira (7) e vai até 18 deste mês. É uma oportunidade para renovar o apelo aos líderes mundiais para

que ajam em prol da redução da poluição atmosférica.

O relatório ‘Clear the air for children’ usa imagens recolhidas via satélite para mostrar, pela primeira vez, onde vivem e quantas crianças estão expostas à poluição atmosférica que excede os níveis internacionais definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS). De acordo com as imagens de satélite, cerca de dois mil milhões

520

Milhões de crianças em África estão em risco por causa da poluição.

300

Milhões de crianças, em todo o mundo, respiram um ar poluído todos os dias.

de crianças vivem em zonas onde a poluição atmosférica, causada por factores como as emissões de veículos, a utilização de combustíveis fósseis pesados, as poeiras e a queima de lixo, excede os limites de qualidade mínima do ar definidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

É na Ásia do Sul que se encontra o maior número de crianças, 620 milhões, a viver nestas circunstâncias. Segue-se África, com 520 milhões. Na região da Ásia Oriental e Pacífico 450 milhões vivem em zonas que excedem os limites estabelecidos.

O estudo analisa também os efeitos nefastos da poluição do ar em espaços fechados, causada sobretudo pelo uso de combustíveis como carvão e madeira para cozinhar e aquecimento, que afecta sobretudo as crianças de agregados familiares de baixo rendimento em zonas rurais.

As poluições atmosférica e do ar, em espaços fechados, estão directamente relacionadas com doenças como a pneumonia e outras do foro respiratório, que são a causa de morte de uma em cada dez crianças menores de cinco anos, o que torna a poluição do ar num dos principais riscos para a saúde das crianças.

PROTECÇÃO DE AVES

Angola entre os melhores

Angola foi considerada como um dos países mais importantes da avifauna, tanto para aves aquáticas como terrestres, no continente africano, durante o 14.º Congresso Pan-Africano de Ornitologia (PAOC), realizado em Outubro, em Dakar, Senegal.

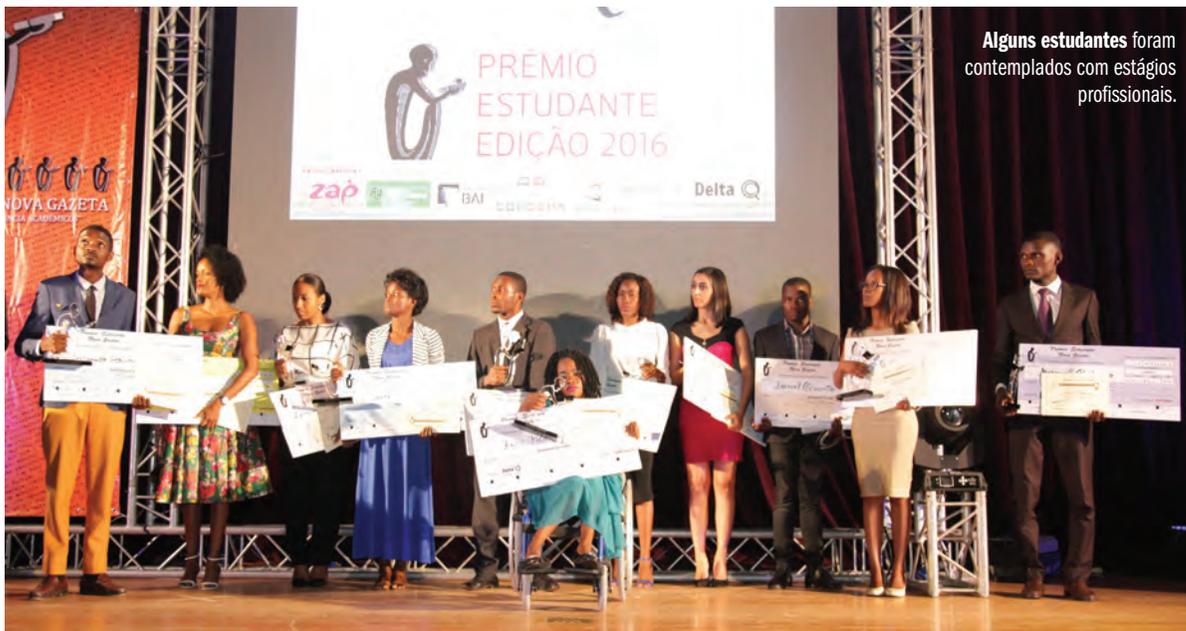
O técnico do Instituto Nacional da Biodiversidade e Áreas de Conservação do Ministério do Ambiente, Miguel Xavier, que participou no fórum organizado pelo Comité Pan-Africano de Ornitologia, em declarações à Angop, informou que Angola se destacou também “pelos esforços desenvolvidos para a conservação e protecção das aves em todo o território, com destaque pelas áreas de maior importância da avifauna, mais conhecidas como IBA (Important Birds Areas)”, sublinhou.

Esforços estão a ser desenvolvidos para a protecção da rota de migração das espécies paleárticas que se estendem em toda a costa angolana desde a foz do rio Chiloango, em Cabinda, até a foz do rio Cunene, no Namibe.

Durante o congresso, sob o lema ‘Mudanças globais/Ameaças e oportunidades para as aves em África’, os delegados debruçaram-se sobre a necessidade de proteger os ‘habitats’ das aves para garantir a sua conservação e preservação.



Educação & Tecnologia



COM A PROMESSA DE MELHORAR PARA O ANO

Mais um PENG organizado com sucesso

ENSINO SUPERIOR. A 4.ª edição do Prémio Estudante Nova Gazeta (PENG) já faz parte da história. A organização projecta agora a 5.ª Edição de uma iniciativa que, na semana passada, distinguiu os 11 melhores estudantes do país, com bolsas e estágios.

Por Onélio Santiago

O jornal Nova Gazeta realizou, na semana passada, em Luanda, a 4.ª edição do Prémio Estudante Nova Gazeta (PENG), atribuindo bolsas (de um milhão e 100 mil kwanzas cada) e estágios a 11 estudantes. A Universidade Mandume ya Ndemufayo (UMN) e o Instituto Superior Politécnico do Kwanza-Sul, que venceram cada uma em duas categorias, foram as mais galardoadas, colocando quatro entre os '11 magníficos' (ver caixa).

Para esta edição, Adriano Patrocínio, docente universitário há mais de uma década, foi a entidade escolhida como júri de certificação. Com passagem pela secretaria-geral da Universidade Agostinho Neto (UAN), Adriano Patrocínio considerou que o PENG "contribui

para que as instituições de ensino superior sintam a necessidade de promover uma formação de profissionais de excelência e que atendam aos problemas do país".

O PENG de 2016 contou com a parceria da Zap, Academia BAI, Concera, Bromangol, Transcoop, Delta e o Banco Pungo Andongo. A cantora Sandra Cordeiro, a dupla de humoristas 'Papa Ngulo e Chico Caxico', bem como o grupo teatral 'Horizonte Nzinga Mbandi' animaram gala, que decorreu no Centro de Convenções de Talatona, em Luanda.

OS VENCEDORES DO PENG

Sete dos 11 vencedores da 4.ª edição do Prémio Estudante Nova Gazeta (PENG) são mulheres entre os 19 e 29 anos. Confira a lista final dos '11 magníficos':

- **Engenharias:** Diana da Silva, 21 anos, da Universidade Católica de Angola.

- **Ciências Exactas:** Eunice Venâncio, 22 anos, da Universidade Metodista de Angola.

- **Ciências da Saúde:** Clarindo Fernando, 23 anos, do Instituto Superior Politécnico do Kwanza-Sul.

- **Ciências Económicas e Gestão:** Claudete Jorge, 19 anos, da Universidade Katyavala Bwila.

- **Ciências Agrárias e Ambientais:** Francisco Bandeira, 24 anos, do Instituto Superior Politécnico do Kwanza-Sul.

- **Ciências Jurídicas e Políticas:** Daniel Quinito, 19 anos, da Universidade Católica de Angola.

- **Ciências Sociais e Humanas:** Samantha Fernandes, 29 anos, da Universidade Lusitana de Angola.

- **Ciências da Educação e Letras:** Manuel Capuma, 22 anos, da Universidade Lueji A'Nkonde.

- **Medicina:** Débora Kuman-dala, 21 anos, da Universidade Mandume ya Ndemufayo.

- **Estudante Exemplo:** Rosa Manuel, 21 anos, da Universidade Agostinho Neto.

- **Finalista do Ano:** Jacira Ribeiro, 22 anos, da Universidade Privada de Angola.

NO SECTOR PETROLÍFERO

Empresas doam 'softwares' à Universidade Católica de Angola

As empresas de pesquisa e produção de petróleo, Schlumberger e Saipem, doaram à Universidade Católica de Angola (UCAN) 'softwares' de simulação para a área petrolífera, que permitem aumentar a qualidade de pesquisa e "elevator o grau de qualidade de ensino na UCAN", afirmou o engenheiro de reservatório da Schlumberger, Henio Alberto.

A oferta acontece no âmbito do laço de cooperação existente entre a Schlumberger e a Saipem, com a Faculdade de Engenharia, particularmente o Departamento de Petróleos. Trata-se dos 'softwares' Eclipse e Petrel que permitem modelar os campos geológicos e a simulação de reservatório, bem como fazer cálculos numéricos.

Os programas foram doados pelas empresas Schlumberger com uma licença de uso avaliada em três milhões de dólares, enquanto que a empresa 'Saipem' doou 'software' Cesar para a projecção de condutas submarinas.

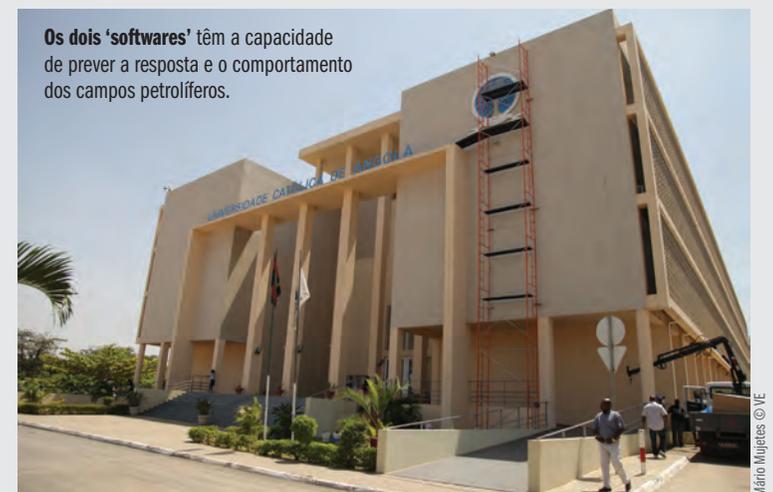
De acordo com o Henio Alberto, os dois 'softwares' têm a capacidade de prever quando será a resposta e o comportamento dos campos petrolíferos, resolver problemas pendentes e melhorar a recuperação da matéria-prima.

O especialista explicou que os estudantes de engenharia da UCAN têm a oportunidade de simular e sentir o que está dentro de um campo de exploração. "Já poderão sair daqui com uma bagagem técnica bem estruturada, porque são os melhores equipamentos no mundo petrolífero", afirma.

Por sua vez, o director do Centro de Estudos e Investigação Científica da UCAN, Alves da Rocha, garantiu que os softwares "serão bem utilizados pela universidade".

O investigador reconhece a importância dos equipamentos, "por isso, prometemos usar os mesmos de forma a garantir a formação de qualidade aos académicos e continuar a liderar a lista de uma das melhores no país".

Por Pihia Rodrigues



Marcas & Estilos

Ócios

A maciez e a qualidade deste sofá estão reservadas à classe mais exigente. A lona, inclinada à parede, realça o quadro de madeira e o alumínio é coberto por um tecido elástico, impresso com a textura de uma tela e um desenho de uma cadeira ou sofá.



Passos de luxo

Estas são as novas sapatilhas Air Jordan 1 Pinnacle, com uma textura de pele faux-stingray em toda a parte superior com acentos de ouro de 24 quilates. Talvez as mais luxuosas Air Jordans nunca antes vistas.



Charlotte Botas

O charme, a elegância e a sensualidade fazem parte do leque de bom gosto dos designers italianos. A prova disso são as botas da Charlotte Olympia, que exibem um brilhante têxtil único em tom de champanhe bege e ouro.



Tempo calibrado

Com uma edição de apenas 150 unidades, os cronógrafos Radiomir é composto de um esqueleto mecânico manual altamente calibrado, executado inteiramente por Panerai, com 16 linhas, para além da reserva de energia de até seis dias.



Sons perfeitos

Perfeitos para bloquear o ruído e trazer o melhor da música que quer ouvir. O conjunto da Snow MEN é projectado de acordo com a ideia geral de que a forma segue a função, ou seja, a forma do SnowMEN não compromete a qualidade do som.



Grande estilo

As bolsas italianas da Anya Hindmarch foram desenhadas com o objectivo de transmitir o bem-estar por intermédio do seu grande estilo. Trata-se de uma pasta de pele de seda azul com a alça de ombro destacável e aplicações de couro termo-ligadas nas faces dianteira e traseira.



TURISMO

Mítica Hollywood

Nada de sustos: não é por ser a segunda cidade mais populosa dos Estados Unidos que Los Angeles não merece uma visita. Logo à partida, a 'Cidade dos Anos', como é conhecida, é a capital do império cinematográfico. Eis Hollywood, uma autêntica 'meca' para quem deseja cruzar-se com uma 'estrela' na rua, pisar o 'Passeio da Fama', divertir-se em noites 'non-stop' pelas centenas de bares e discotecas, visitar estúdios onde se realizam as grandes produções e teatros históricos e assistir a concertos ou a espectáculos musicais únicos. Há ainda jardins e pontes que proporcionam passeios únicos. Para quem se interessa, é a cidade com a maior concentração de famosos por metro quadrado.



AUTOMÓVEL

Uma besta veloz

Um aviso: a estrutura deste Audi R8 engana. Não serve só para as estradas completamente lisas. Tem tracção a quatro rodas. O resto é uma 'besta' de potência, seja na versão oito cilindros ou na de 10. É conhecido por ser altamente veloz, faz 0-100 em apenas quatro segundos e a marca garante que o carro pode atin-

gir uns loucos 280 quilómetros por hora. Tem um tecto panorâmico e o motor está colocado ao centro. É o ultra-desportivo de apenas dois lugares e está 'disponível' para quem pode pagar caprichos. Nos EUA, vai ser vendido, em 2017, por cerca de 170 mil dólares. Por cá... é só fazer as contas com impostos.



AGENDA

LUANDA

ATÉ 18 DE NOVEMBRO

Isabel Baptista expõe 'Diferenças Iguais' no Centro Cultural Português. Às 18h30.

21 DE NOVEMBRO

A Alliance Française promove uma formação para técnicos de áudio de eventos, no Centro Cultural Brasil-Angola, durante 10 dias

24 DE NOVEMBRO

O artista plástico Hildebrando de Melo expõe 'History-isanobject, a sua primeira exposição de esculturas, no Centro Cultural Português, às 19 horas.

25 DE NOVEMBRO

'Show' de 40 anos de carreira de Eduardo Paim, com Fernando Keitá, Nandinho Carvalho, Jacinto Tchipa e Ricardo Abreu, no Centro de Conferências de Belas.

ATÉ 30 DE NOVEMBRO

Em alusão aos 41 anos de Independência Nacional, a Casa da Cultura Njinga Mbande realiza a 1.ª Feira de Cultura e Arte. Às 10 horas.

“Sem querer atirar farpas, nunca vi uma terra com tantas correntes religiosas. E pergunto-me se essa diversidade de igrejas faz as pessoas mais cristãs.”

VUM-VUM, PRIMEIRO CANTOR ROMÂNTICO E DE ROCK EM ANGOLA

“Não quero adaptar-me a esta realidade”

MÚSICA. Depois de 45 anos no estrangeiro, ‘Vum-Vum’ está de regresso, mas decepcionado com a falta de valores que encontrou em Angola e com a desunião dos artistas. O ‘pai’ do rock angolano tem planos para regressar aos palcos e logo com uma opereta.

Por Pihia Rodrigues

Ainda se lembram de si em Angola?

Há muita gente nova que ainda se lembra de mim. Muitos que, naquela altura (década de 1960), tinham seis, sete anos se recordam da música ‘Caranguejo’ com a qual me tornei famoso e fui convidado para ir a Portugal. Mas dos artistas, Elias Dyakimuezu, que ainda reconhece, Cirineu Bastos é um amigo que, na altura, não cantava.

Hoje partilham momentos antigos?

Não. Há muita dispersão entre artistas. Só se encontram quando há um evento como muzonguê, caldo...

O que está na base disso?

Foi com imensa pena que registei as queixas dos artistas no encontro com o governador provincial. Notava-se um vazio grande do que é o valor do artista. Isto está reflectido no pré-estabelecimento do ‘cachet’ quando vai actuar.

Qual seria o processo normal?

Antigamente, quando me vinham contratar, dizia o meu preço. É evidente que o contratante tem de conhecer o valor. No meu primeiro concerto, em Frankfurt, na Alemanha, pediram-me o currículo e uma cassete, a seguir perguntaram-me quanto é que queria e depois discutimos o valor. E perguntaram as preferências de comida e bebida. O mais engraçado, o que noto cá, é a separação de ‘cachets’, entre novos e kotas. Não percebo isso!

Como está a pensar em adaptar-se?

Não quero adaptar-me a esta realidade porque sou um artista com um perfil. Não posso aceitar que me imponham para cantar dentro de um quadrado. A minha capacidade fica limitada. E isso impossibilita o desenvolvimento musical. Dá a ideia de haver uma agência que controla tudo isso, não percebo...

E se fosse convidado por uma dessas agências com essas imposições?

De forma alguma aceitava, porque deixava de ser eu. Uma agência existe para divulgar trabalhos artísticos, isso é que é entretenimento. É difusão de cultura.

Afirmou que foi o primeiro cantor ‘rock & roll’ e romântico de Angola...

Por acaso, não sabia que tinha sido o pai do ‘rock & roll’ angolano. Foi em 1964, quando regresssei de Portugal, de um curso de armamento, depois do interregno da carreira. Recomecei a vida artística no grupo de rock os ‘Electronic’, uma das

Não sabia que estava a escrever uma página da história do ‘rock & roll’ e, ao mesmo tempo, a ser o pai do estilo em Angola.



Santos Samuêssa © VE

PERFIL

O Kanvunge
‘Vum-Vum’, nome artístico de Manuel Rosário das Neves, é a alcunha que vem de ‘kanvunge’. Na tradição kimbundu, kanvunge é o nome atribuído a quem nasce além dos nove meses de gestação. A mãe chamava-lhe, ora kanvunge, ora vunge, e na tentativa de aporuguesar o nome, caiu em ‘Vum’, depois ‘evoluiu’ para ‘Vum-Vum’. Em 1968, partiu para Lisboa, a convite do empresário Vasco Morgado, onde se tornou atracção principal no teatro Monumental. Um ano depois grava ‘Muzangola’, com faixas como ‘Ché kangrima’ e ‘Monamy’. Percorre outros países da Europa, em concertos, em Itália, França, Holanda. Em Espanha, tornou-se atracção como modelo e cantor da catedral do jazz madrileno. Mas foi na Alemanha, onde viveu 25 anos, que somou êxitos, entre eles, a promoção de uma série de espectáculos e com um programa de rádio. É autor do hino da força aérea angolana, intitulado ‘heróis da epopeia’, em exaltação a independência. Cantor, poeta e autor de três livros, tendo publicado apenas um, ‘Simplesmente Joana’.

duas bandas da altura. Convidaram-me para substituir o vocalista, um sul-africano, que tinha viajado para o seu país, mas só fiquei por um ano porque a banda se desfez. Aí comecei a minha carreira a solo, interpretando músicas românticas brasileiras, italianas e espanholas. Quando volto a Portugal (em 1968) gravo o famoso disco ‘Muzangola’ com ritmos blues e rock’n’roll e em kimbundu. Não sabia que estava a escrever uma página da história do ‘rock & roll’ e, ao mesmo tempo, a ser o pai do estilo em Angola.

Quem eram os concorrentes?

(Risos) concorrência? Fui um ícone. A partir daí, apareceram outros. Fui o único negro a actuar em boîtes da cidade e a vestir ‘smoking’. Fui o primeiro a cantar em ‘playback’. Mas havia parceiros bons, que estavam a apertar como Mário Gama.

Tem um projecto de ópera...

Uma opereta. Vai basear-se no modelo de concerto que fazia na Alemanha para crianças. As chamadas ‘schulfest’ (festa de escola) em que mostrava a cultura angolana através de jograis, música, dança, poesia e teatro. Estou a preparar uma peça que conta como na época colonial era forjado o assimilado. A opereta foi adaptada, inclusive, para um programa de rádio na Alemanha.

Pretende convidar outros artistas?

Sim, mas não posso adiantar quem são. Já está todo o projecto feito. Já apresentei ao Ministério da Cultura e estou à espera que abram a porta.

Qual é a diferença entre Angola de hoje e a de quando saiu, há 45 anos?

É muito diferente. Gostava de encontrar a preservação de certos valores. Há um vazio de valores. Não é pôr em questão a independência. Sem querer atirar farpas, nunca vi uma terra com tantas correntes religiosas. E pergunto-me se essa diversidade de igrejas faz as pessoas mais cristãs. Por último, concluo que me vejo rodeado de uma multidão de coisas belas.

NÚMEROS DA SEMANA

100

Mil milhões de dólares é o valor que deverá expressar a queda do investimento no sector petrolífero, em Angola e na Nigéria, nos próximos cinco anos, segundo a consultora Wood Mackenzie.

600

É o número aproximado de firmas angolanas e chinesas que vão participar hoje e amanhã, em Luanda, no fórum de investimento Angola/China, promovido pela UTIP.

16%

É o valor percentual da taxa básica de juro que se vai manter em Novembro, por decisão do Banco Nacional de Angola (BNA).

70

Milhões de dólares é o montante que o Banco Mundial vai investir na segunda fase do projecto da Agricultura Familiar Orientado para o Mercado (MOSAP II), no Bié.

OBRAS DA BARRAGEM CONCLUÍDAS EM DEZEMBRO

Cambambe atinge 960 megawatts

A Barragem de Cambambe, no Kwanza-Norte, poderá atingir, em Dezembro, uma produção de 960 megawatts. Com este número, o aproveitamento hidroeléctrico vai obter os 100% programados pelo Governo, segundo o director em exercício da barragem, Ernesto Costa, acrescentando que actualmente a produção da electricidade é de 60%.

As obras de conclusão estão a cargo da construtora brasileira Odebrecht. A barragem de Cambambe, no rio Kwanza, a 200 quilómetros de Luanda, começou a

ser construída em 1958 e foi inaugurada a 06 de Outubro de 1963, na época colonial, pelo então presidente da República português, Américo Thomaz.

A barragem surgiu face à negociação para a instalação em Angola de uma fábrica de alumínio, com elevadas necessidades de consumo de electricidade. A meta não foi alcançada e as obras pararam sem que fosse concluído o projecto inicial, ficando a barragem pela quota de 102 metros (acima do nível do mar) e com quatro grupos gerado-

res (dois só foram instalados em 1969) num total de 180 MW, para garantir os consumos de Luanda.

A conclusão da empreitada chegou a estar prevista para 1975 e depois para 1982, mas o conflito armado no país nunca permitiu. A barragem manteve-se inalterada até 2007, quando o Governo decidiu completar o projecto inicial, aumentando a produção dos então 90 MW - capacidade que era mais baixa do que a inicial devido à falta de manutenção - para 960 MW, num investimento de 1,4 mil milhões de dólares, em três fases.



TRIBUTAÇÃO

Imposto 'chega' a religiosos e militares

Contornos sobre o pagamento de impostos estiveram em debate, num encontro que reuniu representantes de igrejas e técnicos da Administração Geral Tributaria (AGT), na semana passada, no Namibe. O vice-governador da província, Alcides Cabral, reafirmou, durante o encontro, o papel da igreja como um parceiro privilegiado do Estado, pois lidam com vários estratos sociais.

Para Alcides Cabral é fundamental que a mensagem sobre o pagamento de imposto seja disseminada entre a comunidade cristã. A formação, promovida pela direcção provincial da AGT no Namibe, abordou, entre outros temas, "Os objectivos da AGT", o "Imposto e a cidadania", bem como o "Sistema fiscal angolano".

Já no Moxico, a AGT seleccionou militares para abordar

aspectos ligados aos impostos. O segundo comandante da Região Militar Leste (RML) das Forças Armadas Angolanas (FAA), brigadeiro Tomás Dias, garantiu que vai sensibilizar e elevar a cidadania fiscal do efectivo para o pagamento de impostos. O gabinete de Educação Patriótica vai elaborar um conjunto de acções que dará resposta ao pagamento de impostos pelos militares.



FIL CONFIRMA

Feira só em 2017

A 33.ª edição da Feira Internacional de Luanda, maior feira multisectorial de Angola, terá lugar apenas em 2017, entre 18 e 23 de Julho, segundo um comunicado da FIL, empresa organizadora.

No documento, assinado pelo presidente do conselho de administração da FIL, Matos Cardoso, lê-se que o adiamento se justifica por razões de crise financeira, o que levou poucas empresas a inscreverem-se para o evento.

A feira estava inicialmente prevista para Julho deste ano e já tinha sido adiada para Novembro. "Havendo necessidade de se manterem os níveis de organização e a qualidade da FILDA 2016, por razões técnicas que se consubstanciam na dificuldade de importação de materiais e equipamentos para a montagem da feira".

A 30 dias da realização da feira, prevista para 17 a 20 de Novembro, a FILDA 2016 contava com "apenas 206 expositores nacionais e estrangeiros". Trata-se de uma redução de mais de 75% de inscrições face às 853 presenças da feira de 2015.

O VALOR ESTA SEMANA

NA ECONOMIA

BNA 'reduz' papel-moeda

O Banco central admite aumentar a circulação de moeda electrónica, na economia, em detrimento do papel-moeda. A medida, segundo a instituição, deverá permitir a redução de custos com a produção de notas e moedas metálicas, para além de beneficiar operadores de rede de telefonia móvel e internet. **pág. 14**



TAXA DE BANCARIZAÇÃO

7,8 milhões de contas abertas

A taxa de bancarização da população alcançou, este ano, a marca de 52%, correspondentes a 7,8 milhões de contas abertas entre 14,8 milhões de pessoas adultas acima dos 15 anos, indica o BNA, reforçando que a meta é chegar aos 60% de taxa de bancarização da população em 2017. **pág. 15**

RESTAURAÇÃO

Só Peso 'emagrece'

Pelo menos, dois restaurantes da marca Só Peso foram encerrados, em Luanda, na sequência de dificuldades financeiras, em que se encontra mergulhada a empresa, há, pelo menos, um ano. O principal restaurante da marca, no Belas Shopping, em Luanda, fechou, há dois meses, por razões de dívidas. **pág. 19**